

2.

O “NOBRE” E O “ES CRAVO” COMO *PRECURSORES* DO *ÜBERMENSCH*

*Aquele que tem muita alegria deve ser um homem bom:
mas talvez não seja o mais inteligente, embora alcance
aquilo a que o mais inteligente aspira com toda sua
inteligência.*

NIETZSCHE, *O viajante e sua sombra.*

2.1.

O que significa ser nobre

Na questão do mandar e do obedecer, por exemplo, podemos perceber o que significa pequenez ou grandeza e nobreza de “alma”. Isto inclui dois aspectos fundamentais do pensamento de Nietzsche: um, o aspecto político, ou seja, uma ética interpares, como ele mesmo diz no *Anticristo e Para Além do Bem e do Mal*, para descrever como se comportam os fortes entre si numa comunidade piramidal ou organização aristocrática, e como estes lidam com os não iguais ou o tipo fraco, o “escravo”; o outro aspecto, que é intrínseco ao primeiro, não podendo ser visto separadamente, refere-se mais à relação do indivíduo consigo mesmo, na sua solidão, onde se vai moldar uma autarquia, a autonomia psíquica e espiritual, que tão fortemente marcaram as éticas antigas. É com esta força de caráter e nestes termos, que os aristocratas relacionavam-se uns com os outros, de igual para igual com seus companheiros (estes serão buscados por Nietzsche, no seu *Zarathustra*). Primeiro passo para alguém mandar: **saber obedecer a si mesmo**, o que Nietzsche chama, na *Gaia Ciência*, o saber “**Dar estilo ao Caráter**, uma arte grande e rara”, **coagir seus impulsos e hábitos mais fracos** para não agir, ou seja, que o impedem de ser aquilo que ele é (e criar uma segunda natureza mais forte), acaba sendo o meio através do qual, à semelhança da expressão do poeta aristocrático Píndaro, Nietzsche afirma que alguém vem a “**tornar-se o que se é**”, **alguém merecedor do título de “senhor de si mesmo”**.

A ética nietzschiana, para a nossa confortável era moderna - pois “nada é tão atual como a fraqueza da vontade”¹ -, é extremamente exigente, é uma ética da força física, anímica e, por assim dizer, psíquica. “O que não nos aniquila nos fortalece”².

Aristóteles, em sua *Ética a Nicômaco*, livro IV, seção 3 (1123b –1125b, 1169a), pela primeira vez na História traça o ideal da *megalopsychia*, da grande alma, o perfil do homem generoso e magnânimo. Esta é uma espantosa análise do

¹ NIETZSCHE, *Ecce Homo, Porque sou tão sábio*, seção 5 e *Além de Bem e Mal*, af. 212: “Hoje o gosto e a virtude do tempo enfraquecem e diluem a vontade, **nada é tão atual como a fraqueza da vontade(...)**”

² NIETZSCHE, *Crepúsculo dos Ídolos, Máximas e Dardos*, seção 8 e *Ecce Homo, Porque sou tão sábio*, seção 2.

espírito aristocrático. Excluindo o fato de ser espantosa porque choca os nossos pudores pequeno-burgueses impregnados de ressentimento e culpa - é espantosa, sobretudo, porque **é a primeira vez no mundo antigo**, segundo Herman Nohl, (*Introducción a la Ética*, p.70) **que um filósofo desenvolve com tal refinamento e intuição uma espécie de “psicologia” moral**. Tal “psicologia” traça o perfil do homem bom, no sentido antigo e aristocrático, ou seja, franco, generoso, senhor de si e disciplinado. A ética aristotélica contempla o aprimoramento do espírito visando o domínio de si, o que pode parecer um tanto “duro” demais para nós “modernos”, cujo ressentimento e má consciência tem dificuldade em refletir e compreender uma ética que não esteja fundamentada exclusivamente na acumulação de riquezas³ e no egoísmo individualista e perverso inerentes à lógica do capital. A ética da magnanimidade de Aristóteles teria fortes repercussões na História e é extremamente interessante observar que, segundo Bernd Magnus (*Perfectibility and Attitude in Nietzsche's Übermensch*, pgs.633,634) e Walter Kaufmann, ela influenciou fortemente a concepção do tipo nobre nietzschiano: “Com todo o respeito a Aristóteles, altíssimo respeito! – ele não acertou no alvo, muito menos na mosca, quando falou da finalidade última da tragédia grega!”⁴. Certamente, em termos de visão estética, Nietzsche tem divergências com Aristóteles, mas em relação à ética, segundo Kaufmann, Nietzsche, que se posiciona frontalmente contra a moral cristã, encontra na ética aristotélica uma visão de mundo imbuída de grandeza e força moral. A mesma grandeza que Aristóteles soube perceber em Sócrates, que, na *Apologia*, diz “merecer as maiores honrarias que Atenas poderia lhe outorgar quando enfrentou seus juízes”, nos leva a inferir igualmente que Nietzsche possui um vínculo de simpatia com Sócrates no que se refere ao seu comportamento ético, apesar das abissais discordâncias filosóficas⁵.

Sabemos que Nietzsche, como pensador aristocrático, não podia pensar uma cultura sã - lembremos que cultura, para Nietzsche, significa a saúde espiritual de um povo - que não estivesse baseada em termos aristocráticos, onde se reconhece que existem diferenças indeléveis entre os indivíduos. Igualar o grosseiro e fraco e aquele que é senhor de si, é, para Nietzsche, uma aberração.

³ Cf. Jean-Pierre Vernant, *As Origens do Pensamento Grego*, pgs. 66,67.

⁴ NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*, seção 80.

Ele percebe que há experiências concretas na História em que irrompem momentos de vida mais instintiva, mais vital, mais próximas da terra⁶: “Fui o primeiro que, para a compreensão do antigo instinto helênico, ainda rico e transbordante, tomei a sério aquele fenômeno maravilhoso, que tem o nome de Dionísio: só é aplicável a partir de um *excesso* de força”. Houve povos que viveram de forma nobre, como os indianos sob os códigos das castas das leis de Manu, os vikings, os samurais, os árabes nômades, os hebreus até a época dos Reis de Israel, a aristocracia feudal grega. Por outro lado, ser nobre - que, em Nietzsche, é fundamental não esquecer, trata-se de um traço de caráter, não de uma caracterização biológica ou racial⁷ - independe, até certo ponto, da época ou governo, pois mesmo não sendo propriamente aristocrática, ela pode favorecer o florescimento de indivíduos nobres, como, para Nietzsche, deu-se na Renascença. Esses momentos atingem sua plenitude e refinamento principalmente quando harmonizam o espírito guerreiro e o artístico, como foi a aristocracia grega da época clássica e, sobretudo, a Renascença: “a última grande colheita cultural que jamais poderia ter existido (...) A transvaloração dos valores cristãos, a tentativa empreendida com todos os meios, instintos e gênio, de fazer vencer os valores nobres, os anti-valores... Até o presente momento só houve essa grande guerra, não houve outro movimento que levantasse a questão de forma mais decidida do que a Renascença; minha questão foi a questão dela”⁸.

Façamos uma radiografia mais detida sobre a alma nobre e não nobre. Neste sentido, José Ortega Y Gasset esclarece brilhantemente que: “o *etymo* do vocábulo ‘nobreza’, é essencialmente dinâmico. Nobre significa o ‘conhecido’, entenda-se o conhecido por todo mundo, o famoso, que se fez conhecer por sobressair da massa anônima. Implica um esforço insólito que motivou a fama. Nobre, portanto, equivale a corajoso ou excelente (...) A nobreza ou fama do filho já é simples benefício (...) O nobre originário se obriga a si mesmo, e o nobre hereditário é obrigado pela herança (...) Nobreza, é sinônimo de vida dedicada, sempre disposta a superar a si mesma, a transcender do que já é para o que se propõe como dever e exigência. Dessa forma, a vida nobre se contrapõe à vida vulgar e inerte, que, estaticamente, restringe-se a si mesma, condenada à

⁵ Kaufmann, Walter, *Nietzsche, Filósofo, Psicólogo, Anticristo*, pgs. 382, 383, 384).

⁶ Cf. *O Crepúsculo dos Ídolos*, seção 4, *O que devo aos antigos*.

⁷ NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, seção 257.

imanência perpétua, a não ser que algum fator externo a obrigue a reagir. Por isso chamamos massa a esse modo de ser homem - não tanto por ser plebe, mas por ser inerte. (...) Conforme se avança pela vida, vai-se notando indubitavelmente que a maior parte dos homens - e das mulheres - são incapazes de qualquer outro esforço que não seja o estritamente imposto como reação a uma necessidade externa. Por isso mesmo, ficam mais isolados, como monumentos em nossa existência, os pouquíssimos seres que conhecemos capazes de um esforço espontâneo e magnificante. São os homens especiais, os nobres, os únicos ativos e não apenas reativos, para os quais viver é uma tensão permanente, um treinamento constante. Treinamento = *áskesis*. São os ascetas”⁹.

Ao contrário do que o homem moderno pensa, a nobreza ou a excelência caracteriza-se por um chamamento íntimo de ultrapassar uma norma que está além dele mesmo, superior a ele, e de servir com prazer a este poder com o intuito de que o resultado de seus atos o satisfaça pessoalmente e de que, não menos importante, repercuta como exemplo e como benefício para toda a comunidade. **Porém, este benefício não é absolutamente de ordem utilitária, mas, sobretudo, ética.** O nobre obedece a si mesmo no sentido de que não se deixa tyrannizar pela fraqueza interior, ou seja, ainda que presentes, a má consciência e o ressentimento não são mobilizantes nele.

Havia, nos povos onde prevaleceu a visão aristocrática de mundo, uma relação entre aristocrata e massa que não entrava em conflito porque prevalecia a noção de exemplaridade entre o povo e a aristocracia. A capacidade de entusiasmar-se, de deixar-se arrebatar por uma “perfeição” e de aquiescer a um arquétipo ou exemplo que emanasse, por exemplo, atos de coragem física, moral ou de sagacidade intelectual, eram constitutivas dos povos que pertenciam a comunidades aristocráticas. O direito ao comando não se dava pela força nem coação, mas pelo poder atrativo do que eticamente catalisava os indivíduos. Os direitos superiores são considerados como inerentes às qualidades da pessoa. O que muitos esquecem é que o verdadeiro nobre sabe e deve obedecer, sobretudo, obedece com humildade a algo ou alguém que está além dele, porque tem a intuição para pré-sentir que, obedecer, neste caso, é aproveitar a oportunidade

⁸ NIETZSCHE, *O Anticristo*, seção 61.

⁹ Ortega Y Gasset, José, *Da Natureza Nobre e Da Natureza Vulgar in A Rebelião das Massas* (grifos nossos).

para transcender a si mesmo, isto é, à medida que ele se veja obrigado a confrontar obstáculos e resistências, sua força será posta à prova e, independentemente de seu sucesso ou não, a própria experiência de uma vontade radical testada até os extremos de sua capacidade é a sua marca. É isto que, no limite, significa para nós **vontade de potência, vontade de ir além** - ao contrário da “vontade de potência” a serviço das forças reativas do tipo “escravo” -, ser pródigo em esbanjamento de sua vitalidade, de onde Nietzsche nos diz, no *Zarathustra*, para amar aquele que “não sabe viver senão no ocaso e quer prodigalizar a sua alma (...) pois é sempre dadivoso e não quer conservar-se”. A própria vida como combate já é motivo de contentamento de onde Nietzsche faz derivar um tipo de alegria - a alegria do forte - que o grego do tempo clássico e os antigos de uma forma geral consideravam o ideal de beleza - o *kalos kagathos* -, ou seja, a beleza é sentida, é um afeto, provém de uma excelência em que o fundamental é sentir-se pleno. Mas esta plenitude é sentida com a sabedoria da humildade - a humildade dos fortes - ou seja, ao mesmo tempo que a alma nobre nunca é complacente consigo mesma, percebe-se que esta complacência provém mais de uma fraqueza de espírito do que propriamente de limites que se deve respeitar; ela também não exige nada além do que é humano. Como enfatiza a ética antiga, a arrogância e a presunção são contrárias a seu ser, que sabe intuir e respeitar os limites da *hybris*, da desmedida, e que não precisa conhecer e saber tudo para agir, pois, aprendeu a “tiranizar o kairós”, o momento oportuno¹⁰. A excelência, ao contrário do que se costuma achar, está sempre em estado de servidão. A existência do tipo nobre não tem valor se não está a serviço de algo que o ultrapasse, e por isso, não vê na necessidade de obedecer uma opressão ou tirania como o tipo “escravo” ou *homem-massa*¹¹.

Nas próximas linhas, Ortega y Gasset coloca, de forma primorosa, o que significa o “espírito” nobre: “Ser nobre é o esforço no empenho da auto-superação constante, não a facilidades ou a luta pelos seus ‘direitos’. *Noblesse oblige* como caracteriza Goethe: ‘Viver à vontade é de plebeu: o nobre aspira à ordem e à lei’. Os privilégios da nobreza não são favores, **são conquistas**; não são direitos adquiridos sem merecimento e simples uso de concessões, mas o resultado do

¹⁰ NIETZSCHE, Além do Bem e do Mal, O problema dos que esperam, seção 274.

¹¹ Ortega Y Gasset, José, *Da Natureza Nobre e Da Natureza Vulgar in A Rebelião das Massas* (grifos nossos).

esforço de um espírito na sua impetuosidade e vitalidade de romper limites. Os direitos do burguês comum, do ‘escravo’ enauseavam Nietzsche justamente porque ele, o ‘escravo’, considera que seus direitos adquiridos passivamente e sem nenhum empenho devem ser concedidos, os ‘direitos do cidadão’, **e que seu dever é apenas respirar, evitar a demência e cumprir certas regras morais. Os direitos devem ser conquistados e depois de ganhos, defendidos. Com a extinção da noção de exemplaridade aristocrática, após várias gerações, testemunhamos as perversões morais produzidas pelas democracias onde a ética guerreira, a sagacidade moral e intelectual e a noção moral de grandiosidade foram destronadas e substituídas pela lei do mínimo esforço e pela triste ética utilitarista ligada à lógica do capital em que ‘os fracos tornam-se senhores dos fortes’ e tudo vem a se igualar.** Por uma estranha e perversa inversão dos instintos, os povos antes pertencentes a um universo moral e aristocrático passaram a temer e odiar os melhores, os seletos, os homens de grande força espiritual”¹². E Nietzsche viu neste “fenômeno” - a inversão de valores - como que conduzindo à decadência fisiológica e moral:

A grande política torna a fisiologia senhora sobre todas as outras perguntas, - ela quer *cultivar* (*züchten*) a humanidade como todo, ela mede o nível das raças, dos povos, dos singulares segundo seu futuro [-], segundo **sua garantia para a vida** que trazem em si, - ela dá impiedosamente um fim a tudo o que é degenerado e parasitário¹³.

Foi a vulgaridade da burguesia e o rebaixamento moral que dela emanava que enauseavam Nietzsche, e, quem sabe - arriscamo-nos a pensar -, tenham contribuído para a sua “loucura”. Ortega y Gasset, mais uma vez nos mostra em sua brilhante análise a diferença fundamental entre o mundo burguês e o outrora universo da ética nobre: “Submetendo sinceramente a visão utilitarista do mundo e o espírito guerreiro a uma severa crítica não é difícil constatar que os valores estimativos, o conjunto de sentimentos e princípios que inspiram a ética industrial, a ética do capital é moral e vitalmente inferior à ética do guerreiro. Na cultura da economia capitalista impera o princípio da utilidade, e os homens reúnem-se

¹² *Idem*, (grifos nossos).

¹³ NIETZSCHE, *Fragmento Póstumo* 25 [1], dezembro de 1888 – início de 1889. In: KSA, vol.13, p.167, **in** Nietzsche, *A Grande ‘Política’*. Tradução e seleção Oswaldo Giacobina Jr., p.53 (grifos nossos).

mediante contratos, quer dizer, compromissos, mecânicos e artificiais (no mau sentido). Na ética guerreira, nobre, o que une é a honra e a fidelidade, dois princípios espirituais. Em nosso mundo, impera o cálculo do risco, a carreira e a preocupação covarde de como se pode evitar o perigo quando o que alimenta o espírito guerreiro é um fabuloso apetite pela aventura, pelo risco e perigo. Uma alma mais singela poderá achar que o guerreiro é a encarnação da força bruta, mas não é bem assim. A força das armas certamente não é força de razão, mas ela também está - pelo menos no que se refere às guerras da antigüidade e em boa parte dos conflitos medievais - imbuída de certa força espiritual”¹⁴. Em suma, mais do que uma utopia ingênua, o que certamente não é - **uma vez que ela já foi historicamente um fato concreto** -, uma organização aristocrática é, para Nietzsche, a única forma de extrair do homem o que ele tem de melhor e mais belo em sua vitalidade, espiritualidade, inteligência, franqueza, generosidade e coragem, não só a física, mas sobretudo a coragem moral. Pode esta idéia ser tida como dura ou cruel? Vejamos como Nietzsche pensa sobre esta suposta visão “cruel” no curioso trecho abaixo, onde o filósofo mostra a abjeção que representa o “moderno” empresário, comparado ao nobre antigo:

Soldados e comandantes têm uma atitude recíproca bem mais elevada do que trabalhadores e empregadores. Ao menos por enquanto, toda cultura de fundamento militar se acha bem acima de toda a chamada cultura industrial: esta, em sua configuração atual, é a mais vulgar forma de existência que jamais houve. Nela vigora simplesmente a lei da necessidade: uma pessoa quer viver e tem de se vender, mas despreza-se aquele que explora essa necessidade, *comprando* o trabalhador. Estranhamente, a sujeição a pessoas poderosas, que inspiram medo e até mesmo terror, a tiranos e comandantes de exércitos, não é vista como tão penosa quanto esta sujeição a pessoas desconhecidas e desinteressadas como os magnatas da indústria: habitualmente, o trabalhador enxerga no empregador apenas um cão astuto e sanguessuga, um homem que especula com a necessidade alheia, cujo nome, figura, costume e reputação lhe são totalmente indiferentes. **Aos industriais faltaram, até agora, todas as formas e insígnias da raça mais elevada, que tornam interessantes as pessoas**; tivessem eles no olhar e nos gestos a nobreza da aristocracia de berço, talvez não existisse socialismo das massas. Pois estas, **no fundo, acham-se prontas para toda espécie de escravidão, desde que os mais elevados constantemente se**

¹⁴ Ortega y Gasset, José, *España Invertebrada*, in *La ausencia de los 'Mejores'*.

legitimem como tais, como *nascidos* para mandar – através de maneiras nobres! O homem mais vulgar sente que a nobreza não se improvisa, que nela se reverencia o fruto de longos períodos de tempo – mas a ausência de maneiras elevadas e a notória vulgaridade dos industriais de mãos vermelhas e gordas fazem-nos pensar que apenas o acaso e a sorte puseram um acima do outro: muito bem, resolve ele consigo, experimentemos *nós* o acaso e a sorte! Lancemos os dados! - e começa o socialismo¹⁵.

É comum a noção de que hoje somos livres e não vivemos mais sob a opressão que o mundo antigo conheceu. Hoje, quando o trabalhador é alijado do sentido de seu trabalho automatizado e repetitivo, e é triturado nas engrenagens das máquinas onde trabalha, achamo-no mais “humano”. Transformado, ele também, em mercadoria de consumo, robotizado como as máquinas onde trabalha - temas que povoam o expressionismo alemão - assume aspectos de uniformidade e despersonalização junto a seus colegas de trabalho, vivendo numa espécie de triste contentamento, onde todos são “iguais”. Foi nisso que a moral cristã laicizada e transformada em *democracia* e socialismo transformou a “moral do trabalho”. A tudo isso consideramos mais “humano”. Estranha inversão de olhares. Nós - a modernidade - implantamos, hipocritamente, um tipo de escravidão, talvez mais cruel do que jamais se viu, e pior, com a mais cândida boa fé humanitária. Máximo de lucro extraindo o máximo do sangue, do suor e do **tempo** do trabalhador, um tempo que **não** retorna e não pode se avaliado em termos de dinheiro. Neste sentido é plena de significados a observação de Nietzsche de que: “ Tem **pouco valor aquilo que tem preço**”. Evidentemente que esta forma de valorar, de ver a vida é aristocrática ou anti-burguesa, anti-“liberal” por excelência¹⁶. Mas, ainda assim, quando enchemos o peito para falar de como “hoje” somos “infinitamente mais humanos” que outrora, pagando um salário, de fato mínimo, que o trabalhador é obrigado a aceitar para sobreviver, pagamos, de certo modo o preço de nossa herança iluminista e sua crença na emancipação, mas que subjuga milhões de indivíduos em nome de diversos subterfúgios morais. Para Nietzsche, **somos todos escravos**; o “peão” de obra ou o médico, o político e o professor, estão reduzidos a uma moral niveladora - no fundo imoral -, que

¹⁵ NIETZSCHE, *A Gaia Ciência, A falta de maneiras nobres* – seção 40, pgs. 83, 84 (grifos nossos).

¹⁶ cf. *Crepúsculo dos Ídolos, Incursões de um extemporâneo*, seção 38, pg.97 (grifo nosso).

vincula bem-estar a consumo massivo e desenfreado, à ausência de riscos e aventuras¹⁷ que, hoje, na “modernidade” - ou neste exato momento em que escrevo esta linha - soam mais como denúncias de um discurso “romântico”. Fomos reduzidos a peças de gigantescas engrenagens, padronizados, nivelados, dóceis e contentes com nossos “bens”, o que Nietzsche chamaria de **pequena política**. O capitalismo moderno impõe um mundo bem mais cruel e desumano do que qualquer outra sociedade humana tenha conhecido e concebido. **Não admira que a Organização Mundial da Saúde tem declarado e alertado que a depressão mental irá em alguns anos matar mais que o câncer e tornar-se, pasmem, uma epidemia social; será por acaso?** Surpreendente e terrível diagnóstico de nossa época! (E não a comparemos com a “bílis negra” de nossos antepassados, pois não há nível de comparação entre aquela melancolia e o desespero “moderno”)¹⁸. Mas há quem pense que vivemos num mundo livre porque podemos escolher entre os provedores de internet, as marcas de celular, os canais a cabo, a profissão a seguir, a escola, a fábrica onde nos empregarmos, a “academia” de ginástica, a vitamina, o banco, o psicanalista, o calmante, o anti-depressivo e o cemitério onde termina nossa “triste odisséia” sobre a terra.

É por causa da fidelidade mantida pelo nobre com sua força que Nietzsche vai lembrar-nos - a nós -, cuja vontade é tão suscetível às mudanças do tempo, tão débil e imprevisível, que, **“Não a intensidade, mas a constância das impressões**

¹⁷ Herman Melville, no seu magistral *Moby Dick* mostra-nos na primeira e famosa página deste livro o que a falta de aventuras e desafios na modernidade pode ocasionar ao espírito humano: “Chamai-me Ismael. Há alguns anos - quantos precisamente não vem ao caso - tendo eu pouco ou nenhum dinheiro na carteira e sem nenhum interesse em terra, ocorreu-me navegar por algum tempo e ver a parte aquosa do mundo. **É a minha maneira de dispersar o spleen e de regular a circulação do sangue. Sempre que sinto na boca uma amargura crescente, sempre que há em minha alma um novembro úmido e chuvoso,** sempre que dou comigo parando involuntariamente diante de empresas funerárias ou formando fila em qualquer enterro e, especialmente, sempre que **minha hipocondria me domina** a tal ponto que necessito **apelar para um forte princípio moral** a fim de não sair deliberadamente à rua e atirar ao chão, sistematicamente, os chapéus das pessoas que passam... **então, calculo que é tempo de fazer-me ao mar, e o mais depressa possível. O mar é o meu substituto para a pistola e a bala. Com alarde filosófico Catão se arremessou sobre sua espada; quanto a mim, embarco tranqüilamente. Não há nisso nada de surpreendente. Se a maioria dos homens o soubesse, fosse qual fosse a sua categoria social, compartilharia comigo, numa época ou noutra, os sentimentos que o oceano me inspira**”. MELVILLE, Herman, p. 39 (grifos nossos). Será por isso que Nietzsche recomenda **“ficar sentado o menor tempo possível e não dar crença ao pensamento não nascido ao ar livre, de movimentos livres?”**, pois, complementa o psicólogo Nietzsche, **“Todos os preconceitos vêm das vísceras. - A vida sedentária - já o disse antes - eis o verdadeiro pecado contra o espírito santo**”. *Ecce Homo, Por que sou tão sábio*, 1, p. 38 (grifos nossos).

¹⁸ Cf. Aristóteles, *O homem de Gênio e a Melancolia*. Andrew Solomon, *O Demônio do meio-dia, uma anatomia da depressão*.

superiores, é que produz os homens superiores”¹⁹. Por sua vez, a má consciência vive da memória, do ressentimento ou, no futuro, na esperança. No tipo aristocrático, **a vontade efetiva-se imediatamente, sem cálculo**²⁰, sem premeditação. Ele não busca necessariamente o conhecimento ou a explicação lógica, como se fosse imprescindível constatar um certo sentido nos

¹⁹ NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, aforismo 72, p. 68 (grifos nossos).

²⁰ O comentário seguinte refere-se a um interessante ensaio de Clement Rosset, no seu livro *A Antinatureza*, em que, aludindo ao pensamento de Baltazar Gracián, ou, mais precisamente, ao herói gracianesco, expõe-nos um bom exemplo do que significa viver à vontade no acaso, e mostra-nos, por isso, um certo vínculo e semelhança com o herói nietzschiano. O traço típico do herói gracianesco é de alguém que tem total afinidade com o acaso, com a vida. Vejamos, então, nas palavras de Rosset, esta impressionante descrição de alguém que entende aquilo de que trata a vida: “O herói é aquele que não tem medo, não só dos espectros, mas sobretudo de um imaginário ‘real’- real que poderia destruir a construção artificial das aparências; **o herói é o cavaleiro sem medo e sem censuras que prestigia a aparência ilimitadamente**. A perfeição para a qual se dirige o herói de Gracián, manifesta-se por um tríplice domínio: domínio das aparências, domínio das circunstâncias, domínio da mobilidade. Domínio das aparências, isto é, a arte de jogar com as aparências em benefício próprio, arte de se mostrar, em quaisquer circunstâncias, sob a luz mais lisonjeira. (...) Domínio das circunstâncias: o herói possui a arte de aproveitar as ocasiões, mediante uma técnica que não é a da previsão, **mas da intuição** da oportunidade no momento em que esta se apresenta. (...) O jogador não escolhe suas cartas, assim como o homem não gera as circunstâncias de sua vida; porém sua habilidade consiste em aproveitar seu jogo segundo as eventualidades da partida: saber descartar-se das péssimas cartas quando for preciso, e sabe jogar favoravelmente no momento oportuno. (...) **O que é imposto ao homem é o acaso, o que ele pode impor é o artifício: o herói gracianesco é aquele que responde ao acaso com o máximo de artifício**. (...) Domínio da mobilidade; isto é, **a arte de se mover no instável e no frágil, (...) no inapreensível**, disso fazendo seu alimento cotidiano.(...) Todos esses domínios e controles estão condicionados a um **reconhecimento alegre - sem ambigüidade nem segundas intenções - do artifício como princípio de tudo que existe**”. Por fim, diz-nos Rosset que “**não há domínio se o herói não se encontra à vontade no artifício e, (...) o cálculo, pode levar o artifício à ruína** ou, mais precisamente, **comprometer uma das qualidades essenciais do herói, a prontidão**. ‘A prontidão é um oráculo nas maiores dúvidas, esfinge nos enigmas, fio de ouro nos labirintos’. Pois, para Gracián, **a prontidão - arte da oportunidade - escapa a qualquer cálculo** (...) O herói gracianesco caracteriza-se por uma **habilidade não calculada**, que Gracián exprime com o famoso vocábulo *despejo*. (...) *Despejo* vem do verbo *despejar* (esclarecer, desembaraçar, despachar), e evoca a facilidade, a desenvoltura, o ‘natural’ - nem afetado nem calculado - na prática do artifício: **sugere uma liberdade de ação soberana em uma ‘natureza liberada’ (Nietzsche), desembaraçada da ideologia naturalista que constantemente entrava a prática do artifício. Desenvoltura que não é senão uma das expressões da inocência face à ausência de natureza: todos os homens poderiam facilmente alcançá-la. Elevando-se à categoria do herói gracianesco - se consentissem definitivamente dar crédito ao artifício**”. Clement Rosset, *A Antinatureza, elementos para uma filosofia trágica*, pgs.188, 189, 190, 194, 195, 196 (grifos nossos). Porém, é necessário lembrar uma importante distinção entre o herói de Gracián e o de Nietzsche. Apesar da maestria, do despreendimento e da enorme afinidade com que o herói de Gracián lida com o real, parece ainda - em comparação com o herói nietzschiano - existir um certo calculismo. O herói de Nietzsche, por assim dizer, é mais radical, não visa, a princípio, a nenhuma vantagem. Sem, contudo, tecer um julgamento moral daquele que desafia o acaso e se sai muito bem - como é o caso do herói de Gracián -, o herói nietzschiano visa à auto-superação. Prova disso, é a surpreendente declaração de Nietzsche no seu *Zaratustra* (cf. *prólogo* 4, p.32), quando ele nos intriga e fascina com este hino, esta ode ao acaso e à vida: “**Amo aquele que sente vergonha se o dado cai a seu favor e que, então pergunta: ‘Sou acaso um trapaceiro?’ - porque quer perecer**”. “Sentir vergonha do dado que cai a seu favor”!, quem é capaz de tal atitude?, isto é, ser nobre, corajoso o suficiente para afirmar desta maneira os infortúnios? É claro que esta proposta de visão de mundo nietzschiana está num outro registro, mira em outra direção,

acontecimentos *a priori*, e, com este, uma licença e aprovação para agir. O risco é inerente a sua natureza, ele aquiesce plenamente e afirma incondicionalmente o acaso e o atávico mal-estar do homem com tal questão, seu medo do que não pode ser conhecido de antemão - é um dos signos que dividem o tipo aristocrático do tipo “escravo” ou o *übermensch*, do “último homem”.

No âmbito da ética do sobre-humano, os instintos não devem ser desconsiderados, pois visam à sua plena realização. “O fenômeno da ‘besta louca’ descrito na *Genealogia da Moral* é um movimento de regressão ao estado pré-moral que se apossa em certos momentos do tipo aristocrático e mostra a que ponto a moral gregária recalcou mal, ou sublimou mal, seus instintos de crueldade. **Mas o Superhomem se situa além da moral e não aquém, ‘além do bem e do mal’**, ou seja, um tal grau de vontade de potência afirmativa que os instintos reputados de perigosos aos olhos da antiga moral são **transmutados em potência de tipo artístico**”²¹. Esta é uma das razões pelas quais Nietzsche pensa no passado primitivo do homem, para compreender a passagem de um estado, digamos, natural e instintivo, para outro em que estas forças, já transfiguradas, seriam canalizadas e, no contexto da ética do tipo aristocrático, finalmente empregadas. Isto é, seriam canalizadas para as artes, mas, principalmente, a todas as atividades onde o indivíduo pudesse exercitar sua disciplina, vontade e criatividade:

De súbito, desdobra-se a faculdade dominante: o artista encerrado no político, se retira de seu casulo; **ele cria no ideal e no impossível**. Reconhecemo-lo novamente como aquilo que ele é: o irmão póstumo de Dante e Michel Ângelo: em verdade, em relação aos firmes contornos de sua visão, à intensidade, coerência e lógica interna de seu sonho, à profundidade de sua meditação, **à força sobre humana de sua concepção**, ele é equivalente a eles e leur égal: son génie a la même taille et la même structure; il est um des trois esprits souverains de la renaissance italienne...

Nota bene ---

Dante, Michel Ângelo, Napoleon ²².

na direção do super-homem, e seria talvez impróprio e injusto julgar o herói gracianesco à luz do tipo de herói que Nietzsche concebeu.

²¹ HAAR, Michel, *O Superhomem de Heidegger*, p.4 (grifos nossos).

²² NIETZSCHE, *Fragmentos Póstumos*, in *Friedrich Nietzsche, A “Grande Política”, Fragmentos*. Tradução e seleção de Oswaldo Giacoia Jr., p. 36 (grifos nossos). Sobre este fragmento, Oswaldo Giacoia escreve que “há um fragmento (5 [90 – 91], verão de 1886 – outono de 1887; In: KSA, vol.12, p.223s.) onde Nietzsche transcreve uma citação literalmente reproduzida aqui. No segundo 5[91], misturam-se no texto da anotação tanto a tradução de Taine, feita por

Mas, Walter Kaufmann deixa claro o vínculo estabelecido por Nietzsche entre a *besta louca*, os “bárbaros”, e as nobrezas antigas. Tal vínculo deve ser “visto **supra-historicamente**, como uma alegoria ou símbolo da extirpação ou do abandono aos impulsos” e como “um ideograma para a concepção da paixão animal não sublimada”²³. Nietzsche quer mostrar também a importância da superação, e não a eliminação, a extirpação desses impulsos, intenção esta que indicaria um sinal de fraqueza do homem que não tem força e disciplina para incorporá-los à sua vida. “Considerar algo como um ‘excesso’ ou pernicioso” - compreende Nietzsche - “só se aplica **contra aqueles que não têm direito a ele**; e a quase todas as paixões tem sido dada uma péssima reputação, **por conta daqueles que não foram suficientemente fortes**” - e nós acrescentaríamos, **saudáveis** - “para empregá-las em suas vidas”²⁴.

Assim, pensando nos antepassados do homem, Nietzsche desmonta as nossas ilusões metafísicas acerca das quais o homem crê serem suas mais belas ações, pensamentos e cultura, o reflexo de uma **suposta** “essência” que, pairando sobre nossas cabeças, estaria apenas esperando a intervenção humana para se fazer revelar.

A questão da hereditariedade é recorrente no pensamento de Nietzsche, e, na *Genealogia da Moral*, em particular, ele descreve a forte ligação do homem antigo com seus ancestrais, um sentimento de reverência e continuidade, característico do *pathos* aristocrático, a saber: o de sentir-se vinculado a seu passado de cunho aristocrático. No *pathos nobre* estava implícita a idéia de respeito e reverência através de uma ética que fosse de certa forma um tributo aos antepassados, de outra forma, o indivíduo poderia fazer por desmerecer seu próprio valor. Diz-nos José Ortega que, na tradição aristocrática, o filho terá de conquistar sua própria “fama” com seu esforço pessoal. Vejamos esta surpreendente percepção:

É conhecido por reflexo, e, de fato, a nobreza hereditária tem um caráter indireto, é luz refletida, é nobreza lunar

Nietzsche, quanto formulações diretamente extraídas por ele do original francês; nesse caso, as passagens em francês foram conservadas nesse idioma”.

²³ KAUFMANN, Walter, *Nietzsche, Philosopher, Psychologist, Antichrist*, pgs.225, 227 (grifo nosso).

²⁴ NIETZSCHE, *The Will To Power*, aforismo 778, p.408 (grifos nossos).

como se fosse feita com mortos. Dela só resta de vivo, autêntico, dinâmico, **a incitação que produz no descendente de manter o nível de esforço atingido pelo antepassado.** Mesmo nesse sentido desvirtuado, *noblesse oblige* sempre. **O nobre originário se obriga a si mesmo, e o nobre hereditário é obrigado pela herança.** Há, de qualquer modo, uma certa contradição na transferência da nobreza, do nobre inicial para seus sucessores. Os chineses, mais lógicos, invertem a ordem da transmissão, e **não é o pai quem enobrece o filho, mas é o filho que, ao conseguir a nobreza, a transmite para seus antepassados, fazendo sobressair sua estirpe humilde através de seu esforço.** Por isso as classes de nobreza são graduadas pelo número de gerações passadas que ficam prestigiadas, e **há quem torne nobre seu pai e quem retroceda sua fama até o seu quinto ou décimo ascendente. Os antepassados vivem do homem atual, cuja nobreza é efetiva, atuante; em resumo: é ; não foi.**

A nobreza não aparece como termo formal até o Império Romano, e exatamente para se contrapor à nobreza hereditária, já em decadência ²⁵.

A questão da hereditariedade em Nietzsche é muito presente, e na citação seguinte é ele que nos diz:

Não se pode extinguir da alma de um homem o que seus ancestrais fizeram com o maior prazer e a **maior constância... Não é possível que um homem não tenha no corpo as características e predileções de seus pais** e ancestrais: mesmo que as evidências mostrem ao contrário. **Este é o problema da raça** ²⁶.

Nietzsche não é, como pensam alguns²⁷, apologista do irracionalismo, e,

²⁵ *Ibid.* p. 82 (grifos nossos).

²⁶ NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, aforismo 264, p.180 (grifos nossos).

²⁷ Quando, pensando sobre as teorias de Nietzsche acerca da simbologia da ordem, da medida e da **contenção** que a divindade apolínea representa e, igualmente, sobre os excessos e o as instâncias caóticas da vida que o Deus *Dionisos* inspira, Walter Kaufmann observa que o psicólogo **Carl Gustav Jung, no seu livro *Tipos Psicológicos*, equivocava-se** no juízo que faz de Nietzsche. Assim esclarece Kaufmann: “Ao comentar o dionisíaco e o apolíneo, ele, Jung, declarou que Nietzsche, (...) através de sua glorificação do dionisíaco, esqueceu que a conclamação dos mais sombrios aspectos do homem civilizado, são devastadores e muito mais perigosos do que quando se manifestavam no homem primitivo que, em certo grau, sabia dar vazão a estes impulsos. Assim, nenhuma guerra do passado histórico pode rivalizar com as guerras das nações civilizadas, em grandiosidade e sordidez (...) Esta crítica de Jung, diz-nos Kaufmann “é frágil, não se justifica, e se sustenta na comum, mas falsa assunção de que, para Nietzsche, o ‘dionisíaco’ é uma boa coisa... e o apolíneo é uma coisa ‘má’”. No “*Nascimento da Tragédia*” - continua Kaufmann - e “no final da *Segunda meditação*, **os perigos do dionisismo são claramente reconhecidos** e Nietzsche admite que **o dionisíaco leva somente à devassidão e licenciosidade, a não ser que seja contido e transformado pela intervenção de Apolo.** Na *Terceira meditação*, o lado escuro do Dionisíaco é apresentado ainda mais explicitamente, se considerado com um outro nome: a oposição de Nietzsche a Rousseau não pode ser entendida, a não ser que se tenha em mente que Rousseau serve a

digamos, de um indivíduo que age unicamente sob ou sobre os ditames de seus impulsos em detrimento da razão; **o *übermensch* não é isto**: com “tais pensamentos, diga-se de passagem”, dirá ele:

Não pretendo em absoluto fornecer água para os moinhos dissonantes e rangentes dos nossos pessimistas cansados da vida; **pelo contrário**, deve ser expressamente notado que **naquela época, quando a humanidade não se envergonhava ainda da sua crueldade, a vida na terra era mais contente do que agora, que existem pessimistas...** Refiro-me à moralização e ao amolecimento doentios, em virtude dos quais **o bicho “homem” aprende afinal a se envergonhar de seus instintos** ²⁸.

Um homem forte faz uso tanto da razão quanto de seus instintos. Ele não precisa sufocar um aspecto para fazer valer os outros, e Walter Kaufmann nos esclarece que:

O homem que pode desenvolver a sua faculdade da razão somente extirpando sua sensualidade tem um espírito fraco ²⁹; **um espírito forte não necessita declarar guerra aos impulsos**: torna-se inteiramente o mestre deles e atinge - na concepção nietzschiana -, a culminância do poder humano” ³⁰.

O homem conjuga em si os dois elementos - a razão e o instinto - e a sua tarefa é de auto **superar-se**, este é o sentido da vida para Nietzsche, assim como o de seu *übermensch*. E este segredo a própria vida me confiou: “Vê”, disse, **“eu sou aquilo que deve sempre se superar a si mesmo”** ³¹.

O indivíduo supera um estado de instinto puro, irracional, mas de forma a também não deixar de sê-lo completamente, mas este lado caótico da natureza

Nietzsche como o representante dos perigos do frenesi dionisíaco” (KAUFMANN, Walter. pgs.108, 109, grifos nossos).

²⁸ NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, aforismo 7, pgs. 56, 57 (grifos nossos).

²⁹ Chama-se fraco aquele que não é tudo o que pode ser, aquele que - conforme veremos - inibido e vergado pelo fardo de seus códigos morais, pelas tradições e enraizamento de hábitos e costumes adquiridos, não se deixa arrebatar, isto é, não tem porosidade e transparência suficientes para ouvir e obedecer a si mesmo, à “sua” vontade, ou seja, o si mesmo não é uma subjetividade, um “Eu”, que é a produção, o resultado da educação, das tradições morais. Obedecer a si mesmo não é obedecer a um “Eu”, que é justamente produto e resultado da domesticação e educação moral.

³⁰ KAUFMANN, Walter, *Nietzsche, Philosopher, Psychologist, Antichrist*, p.233 (grifo nosso). Cf. ainda, a respeito deste tema, os aforismos 57 e 14 de *O Anticristo*.

humana é, por assim dizer, filtrado por um tipo de razão a qual vai transfigurar esse material instintual em obra de arte:

Quando se fala de humanidade, a noção fundamental é a de algo que separa e distingue o homem da natureza. Mas uma tal separação não existe na realidade: as qualidades “naturais” e as propriamente chamadas “humanas” cresceram conjuntamente. **O ser humano, em suas mais elevadas e nobres capacidades, é totalmente natureza, carregando consigo seu inquietante duplo caráter. As capacidades terríveis do homem, consideradas desumanas, talvez constituam o solo frutífero de onde pode brotar toda humanidade, em ímpetos, feitos e obras**³².

Da superação dos impulsos mais violentos e, ao mesmo tempo, do seu emprego, provém a satisfação do tipo sobre-humano e desta superação começa a se delinear a exequibilidade de uma ética sobre-humana; por isso Nietzsche estabelecerá uma ponte com a natureza ou um vínculo de ordem agonística, de embate e de aliança, não para vergá-la a seu bel-prazer e assim saciar seus desejos, mas incorporando-a, ele vai canalizar os impulsos mais destrutivos.

Na “vontade de potência”, há um momento em que Nietzsche, diz-nos Kaufmann, explica melhor este pensamento, e “insiste que **nós devemos ‘empregar’ (in Dienst nehmen) nossos impulsos, e não enfraquecê-los ou destruí-los**”. Kaufmann, reportando-se à “vontade de potência”, e citando Nietzsche, acrescenta:

Em vez de empregar grandes somas de força, aquelas impetuosas correntes da alma que são freqüentemente tão perigosas e arrebatadoras, e economizá-las, esta maneira tão míope e perniciosa de pensamento, a maneira moral de pensar quer secá-las.

Superação dos afetos? - Não, se isto implicar seu enfraquecimento e extirpação. Mas o empregá-los; o que pode também significar sujeitá-los a uma tirania prolongada (não somente como indivíduo, mas como uma comunidade, raça, etc.). Finalmente a eles, os afetos, são concedidos liberdade novamente: eles nos adoram como servos e vão voluntariamente onde quer que nossos interesses repousem.

Num homem intolerância moral é um sinal de fraqueza: ele tem medo de sua própria “imoralidade”,

³¹ NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra, Do superar a si mesmo*, p. 127 (grifo nosso).

³² NIETZSCHE, *A Disputa de Homero, in Cinco Prefácios para Cinco Livros Não Escritos*, p.73 (grifo nosso).

ele deve negar seus impulsos mais fortes porque ele não sabe ainda como empregá-los. Assim, as regiões mais fecundas da terra permanecem incultivadas por mais tempo. **Falta aqui, a força que poderia tornar-se mestre desses impulsos** ³³.

Nietzsche não sugere que um tipo superior dá livre curso aos instintos, mas é um tipo criativo no qual **a autocriação é, para ele, uma dura tarefa que requer severa autodisciplina** ³⁴. O sobre-humano nietzschiano é aquele que tem força para abrir uma brecha no real, **seja este qual for**, para exercer sua força plástica, uma força que é capaz de descobrir no próprio mundo, antes fonte de desgosto, um manancial de beleza e inspiração para criar.

O estado de animalidade, se não é positivado nem numa natureza nobre, é muito menos no *übermensch*. Nietzsche não pretende buscar naqueles homens “primitivos” ou que ainda não haviam feito a passagem de um estado puramente instintivo para o da cultura - e que por isso não eram passíveis de domesticação pelo mundo moral -, modelos. O corpo, certamente é considerado o meio através do qual atravessa toda a interpretação, mas, escreve Michel Haar:

Com efeito, tanto Nietzsche reabilita o corpo, como rejeita a “animalidade” que ele identifica com o peso e o feio, com uma sensualidade decadente e tumefacta ou uma sentimentalidade vulgar e moralizante. Quando Nietzsche fala de uma sensualidade “animal”, ele pensa em autores que apendeu a detestar: George Sand, Zola, Schopenhauer, Wagner (...) Zaratustra ri do “Mendigo voluntário” que prega o retorno ao estado animal e tenta se tornar “semelhante às vacas” (...) E mais, **o super-homem não está aí associado**, ele não saberia passar pelo belo animal semi-civilizado que é a “besta loura” ³⁵.

Nietzsche concebe a auto-superação de determinados impulsos, fundamental para a concepção de uma **ética de nobreza assim como para uma ética sobre-humana**. Compreende que é preciso superar os estados mais primitivos da natureza humana, mas **não a qualquer preço**, pois o longo processo de submissão e educação que sofremos para criar a cultura nos separou também e para sempre daquelas intensidades selvagens e nos fez animais mais dóceis, de frágil fisiologia, mais suscetíveis ao sofrimento – psíquico e físico. Talvez venha

³³ NIETZSCHE, *The Will to Power*, seções 383, 384, 385 (grifos nossos).

³⁴ ANSELL-PEARSON, Keith. *Nietzsche como pensador político*. p.61 (grifo nosso).

³⁵ Haar, Michel, *O Superhomem de Heidegger*, p. 4 (grifos nossos).

daí nossa necessidade de esportes e “aventuras” radicais; induzir a produção de adrenalina para aliviarmos um pouco a dor de uma vitalidade **enfraquecida** pelo **tédio da vida moderna** e a necessidade fremente de “viver grandes emoções e paixões”, virtualmente, nas telas de cinema ou nos livros, pois que, na vida real, a potência e a força anímica para tal esvaiu-se ao longo do tempo. É sobre isso que, de novo, o genial escritor- psicólogo e irmão espiritual de Nietzsche, Dostoiévski fala-nos pela boca de seu personagem *subterrâneo*:

Eu imaginava grandes aventuras, uma vida para viver de qualquer maneira. Quantas vezes não me teria lembrado **mostrar-me ressentido sem razão, só por gosto?** Eu bem sabia que não tinha motivo para aborrecer-me; mas conduzia-me como se o tivesse e acabava por considerar-me ofendido a sério. Toda a minha vida tive inclinação para setas baralhadas, até que, por fim, **já não me dominava**. Outras ocasiões sentia desejo de apaixonar-me; aconteceu-me isto por duas vezes. **E não sofri pouco**, acreditem. No fundo do meu coração, não acreditava em tais sofrimentos, ria-me deles; no entanto sofria a valer, sentia-me ciumento, perdia a cabeça...**E tudo isso por tédio, senhores, por puro tédio. A inação custava-me tanto! Porque o fruto imediato e lógico da consciência é a inação, a inércia consciente. Já disse e repito que as pessoas que saem do vulgar e todos os homens de ação são precisamente assim porque são estúpidos e vistas curtas.** Como explicar isso? Da seguinte maneira: por causa de sua mediania, tomam as causas segundas, as mais imediatas, por causas primeiras, e sem demora e sem dificuldade alguma convencem-se de que encontraram um fundamento imutável para a sua atividade, tranquilizam-se, e isso é o que é o mais importante. **Porque para poder atuar é preciso, antes de mais, estar completamente tranqüilo, não ter a menor dúvida**

(...) **A civilização limita-se a desenvolver no homem a variedade das sensações... e nada mais. Quem sabe se esse gosto pelas sensações variadas não fará com que o homem encontre prazer na efusão de sangue?**

(...) Todos os atos humanos hão de deduzir-se então matematicamente dessas leis por meio de uma espécie de tábua de logaritmos até cem mil, catalogada num almanaque ou, melhor ainda, publicar-se-ão obras bem planejadas, no estilo das enciclopédias atuais, e nas quais tudo estará previsto, calculado e determinado, e já não haverá no mundo mais acasos e aventuras ³⁶.

As ações que davam livre vazão aos instintos daqueles nômades - os

³⁶ DOSTOIÉVSKI, Fiodor M., *Memórias do Subsolo*, pgs. 674, 678, 679 (grifos nossos).

“animais de presa”, protótipos do homem - tiveram de desaparecer, porém, isto não impede Nietzsche de pensá-los, até certo ponto, como gênese de uma futura nobreza nos moldes, por exemplo, da aristocracia grega. Nietzsche entende, desta forma, assim nos parece, a superação dos instintos, à medida que estes mantêm o homem num certo estágio de animalidade, quando os instintos (ou o Dionisismo selvagem, Trácio) ameaçam corroer a vontade do homem, mantendo-o numa espécie de estágio caótico e inviabilizando, assim, a possibilidade de uma vida criativa. Todavia, a existência **concreta**, no passado, de tais homens selvagens e guerreiros - ainda que num estágio rudimentar comparado ao nobre ou ao sobre-humano -, deixa em Nietzsche um rastro, uma marca, uma esperança de afirmação de vida, de parâmetro e inspiração para a composição de uma nova forma de vida, para um futuro onde as forças instintuais são canalizadas através de uma ética, uma ética aristocrática e uma ética sobre-humana.

Mas de quando em quando me concedam apenas - supondo que existam protetoras celestes, além do bem e do mal - uma visão, de algo perfeito, inteiramente logrado, feliz, potente, triunfante, no qual ainda haja o que temer! De um homem que justifique o homem, de uma acaso feliz do homem, complementar e redentor, em virtude do qual possamos manter a fé no homem!...”³⁷.

Com efeito, não devemos perder de vista ou subestimar a importância do fato de Nietzsche pontuar e datar historicamente o aparecimento de tais personagens. O elo hereditário entre aquelas naturezas instintivas e o homem que aprendeu a direcionar seus instintos para a construção de uma cultura mais refinada deverá, em Nietzsche, ser observado. O medo histórico - sempre proveniente da “má consciência” - de um novo esquema que libere outras formas de ser, vale dizer; formas que façam comparecer as forças instintuais, **deve ser superado** por um tipo superior de homem. É claro que não nos referimos às forças instintuais que os nazistas, por exemplo, fizeram prevalecer. Só uma interpretação ingênua ou maldosa não é capaz de enxergar que as forças que Nietzsche quer liberar são as forças plásticas, criadoras. Héber Suffrin, quando interpreta o prólogo de *Zaratustra*, em que Nietzsche fala ao homem moderno ou aos “últimos homens”, mostra que Zaratustra-Nietzsche é deturpado quando

³⁷ NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, I, aforismo 15, p.41.

anuncia que “tudo é permitido”. O “último homem” pensa que ele pode fazer tudo que seus impulsos lhe ditam. Na verdade, diz Suffrin, quando Nietzsche escreve que “o homem tem todos os direitos”, não significa que **“todas as pequenas coisas são autorizadas, mas todas as grandes coisas são possíveis**. Os ‘últimos homens’ compreendem que, se Deus está morto, não existem mais moral, nem dever, nem regra de vida; **confundem o imoralismo com a imoralidade**”³⁸.

Tal cultura, onde a instintividade positivada, é a do tipo nobre, aristocrático do passado, e a do *übermensch*, no futuro, onde instinto e **um certo tipo de razão** combinam-se para engendrar um modo de vida que não despreza ou inibe as forças mais violentas do homem. No âmbito do tipo nobre, essas forças manifestam-se nas guerras, na arte, e no desafio “intelectual” entre verdadeiros amigos, em suma, em todos os níveis afetivos. Para Nietzsche, o espírito aristocrático pode ser pensado e resgatado como parâmetro ou referência para o futuro a partir do passado e, acima de tudo, o mundo antigo provou pela sua prática - na Grécia - que a “educação agônica” elevava o homem ao máximo de suas possibilidades e que não havia nada a temer em relação aos impulsos, muito pelo contrário. E nós, modernos, que olhamos para essas coisas com desdém e horror, preferimos a via do “Prozac” para nos aliviar de nossas covardias e dos **“velhos instintos que não cessaram repentinamente de fazer suas exigências!”**³⁹. Estranha opção.

Para os antigos, entretanto, o objetivo **da educação “agônica”** era o bem do todo, da sociedade cidadina. Assim, cada ateniense devia desenvolver-se até o ponto em que isto constituísse o máximo de benefício para Atenas, trazendo o mínimo de dano. Não se tratava de **nenhuma ambição do desmedido e do incalculável**, como a maioria das ambições modernas: **ao correr, jogar ou cantar nas competições**, o jovem pensava no bem de sua cidade natal; era a fama desta que ele queria redobrar na sua própria; consagrava aos deuses de sua cidade-estado as coroas que o juiz punha honrosamente em sua cabeça. Desde a infância, cada grego percebia em si o desejo ardente de, na competição entre cidades, ser um instrumento para a consagração da sua cidade: isto **acendia o seu egoísmo**, mas, ao mesmo tempo, **o refreava e limitava**. **Por isso, os indivíduos da**

³⁸ HÉBER-SUFFRIN, Pierre. *O Zaratustra de Nietzsche*. p. 36 (grifos nossos) .

³⁹ NIETZSCHE *Genealogia da Moral*, II, aforismo 16, pgs. 72, 73 (grifos nossos).

Antigüidade eram mais livres, porque seus objetivos eram mais livre e alcançáveis. O homem moderno, ao contrário, tem a infinidade cruzando o seu caminho em toda parte, como o veloz Aquiles na parábola do eleata Zenão: a infinidade o obstrui, ele nunca alcança a tartaruga ⁴⁰.

Compreendemos que, sobretudo, na *Genealogia da Moral*, encontramos muitas pistas sobre a natureza psíquica e física do sobre-humano. **Não queremos com isso dizer que o nobre é o sobre-humano**, mas pode nos sinalizar para **aspectos e atributos da percepção** sobre-humana. Quando Nietzsche escreve na *Genealogia* sobre o niilismo, o ideal ascético, a vontade de verdade - ainda que não roce na questão do eterno retorno e fale “pouco” sobre a “vontade de potência”, porém, o suficiente para a nossa reflexão - e, acima de tudo, quando mergulha e detalha as tipologias morais do nobre e do “escravo”, acreditamos estar aí um grande indício sobre aquilo que para nós ainda é um enigma, a saber: a “constituição” **aproximada** do *übermensch*.

Agora, sem uma reflexão genealógica, digamos assim, sobre a tipologia moral do “escravo” e do nobre, **pois uma está imbricada na outra**, não se pode compreender a concepção de sobre-humanidade.

Além do homem é um conceito que **só pode ser corretamente apreendido em antagonismo com a figura do último homem, pois ele constitui um contra-ideal da tendência ao nivelamento e à uniformização** que, para Nietzsche, caracteriza a moderna sociedade de massa ⁴¹.

Embora os afetos de força e fraqueza estejam imiscuídos num mesmo indivíduo, cada um deles prevalece em cada um dos tipos em diferentes momentos. Como se o mundo fosse dividido entre dois tipos de indivíduo, num e no outro vai prevalecer ora uma força, ora outra, ou em cada um deles um tipo de “vontade de potência” determinado, e, quanto a isto, Nietzsche nos diz enfaticamente: “ ‘O ativo arbítrio’ não passa de mitologia: **na vida real há apenas vontades fortes e fracas**” ⁴². Por isso, nossa reflexão deverá concentrar-se sobre estas duas tipologias; sobre como cada um destes homens, na filosofia de

⁴⁰ NIETZSCHE, *Cinco Prefácios Para Cinco Livros Não escritos, A disputa de Homero*, p. 82 (grifos nossos).

⁴¹ GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo, *Nietzsche*, p. 57 (grifo nosso).

Nietzsche, vem a encarar o sofrimento e a alegria, e como, seja no olhar de um, ou de outro, a humanidade estruturou as suas avaliações morais. Constatamos, com Nietzsche, que a humanidade construiu sua história baseada na visão negativa da moral do “escravo”, e sob ela foi subjugada, mas Nietzsche, por outro lado, concebeu uma solução de superação desta condição, não permanecendo assim somente na esfera da crítica.

Para compreendermos a importância da genealogia que Nietzsche empreende e seu diagnóstico duro - sem fazer concessões - da chamada civilização, é preciso tentar compreender com ele, entrar no registro de seu pensamento e nos despojarmos de certos atavismos. Aí, porém, encontra-se uma dificuldade enorme que se coloca como a possibilidade ou não de se pensar a partir de uma outra referência que não os nossos arraigados preconceitos ou, dito em outros termos, **como pensar com outra consciência senão esta - culpada e ressentida - sobre nós mesmos?** Com nossa consciência judaico-cristã contaminada por avaliações morais que atravessam os séculos? Mas é com tal consciência que temos de lidar e lutar, ela é nossa herança - que deve ser destruída - e o meio através do qual a auto-superação é viável. É com este paradoxo que temos de lidar e com o qual Nietzsche nos legou um enorme desafio. A gênese dos mecanismos de culpa e ressentimento vão engendrar todo o nosso edifício moral e, de acordo com Nietzsche, toda a produção filosófica, artística e científica, permeando todas as redes de relações sociais, sejam elas de natureza jurídica, moral ou afetiva.

Na *Genealogia*, Nietzsche analisa as “origens” das concepções morais e questiona os valores que as condicionam; percebe que há uma vontade de valorar que se origina nas condições primárias da existência, nas **condições fisiológicas**, de onde emana uma vontade primordial que ele chama “vontade de potência”. **Vida em Nietzsche significa “vontade de potência” e que vai se desdobrar, digamos assim, em criação de valores.**

O que valem por si mesmos os nossos juízos de valor e as nossas tabelas de valores? *O que decorre de sua dominação?* Para quem? Em relação a quê? – Resposta: **para a vida. Mas o que é vida?** Aqui se torna necessária, portanto, uma nova versão, melhor definida, do conceito “vida”: minha fórmula para isso reza: **vida é vontade de**

⁴² NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal, Dos Preconceitos*, seção 21, p. 27.

poder.

*O que significa o próprio ajuizar valores? Aponta ele para um outro mundo metafísico, por trás ou por cima? Assim como Kant ainda acreditava (estando ele localizado antes do grande movimento histórico). Em suma: onde “suruiu” isso? Ou isso não surgiu? Resposta: a avaliação moral é uma *exegese*, um modo de interpretar. A própria *exegese* é um *sintoma* de determinadas **constelações fisiológicas**, bem como de um determinado nível espiritual de juízos dominantes. *Quem explica? – Os nossos afetos*”⁴³.*

A valoração, por sua vez, é a expressão de determinadas forças⁴⁴. Estas podem ser ativas, afirmadoras ou reativas; condicionam o pensamento e,

⁴³ NIETZSCHE, *Fragmentos Póstumos* 2 (190). Outono de 1885 e janeiro de 1889. *In Fragmentos Finais*. Seleção e tradução Flávio R. Kothe, p. 160 (grifos nossos).

⁴⁴ A noção de forças, em Nietzsche, fez-se conhecer a partir da interpretação de Gilles Deleuze. Quando examina o processo de interpretação, Deleuze se utiliza da noção de forças para explicar por que uma determinada interpretação de um dado fenômeno vai prevalecer sobre o outro. Deste desdobramento das forças, uma determinada vontade vai eclodir e querer expandir-se. Quando são pensadas no âmbito de uma ética ou de uma moral, essas forças ou esta vontade vão manifestar-se numa ou em outra direção, isto é, uma assumirá uma atitude reativa e a outra, ativa ou afirmadora, mas vejamos o que nos expõe o próprio Deleuze: “ Toda a interpretação é determinação do sentido de um fenômeno. O sentido consiste precisamente numa relação de forças, segundo a qual algumas *agem* e outras *reagem* num conjunto complexo e **hierarquizado**. Qualquer que seja a complexidade de um fenômeno, **distinguimos bem forças ativas, primárias, de conquista e subjugação, e forças reativas, secundárias, de adaptação e de regulação**. Esta distinção não é só quantitativa, mas qualitativa e tipológica. Porque a essência da força é estar em relação com outras forças: e, nesta relação, ela recebe a sua essência ou qualidade.

A relação da força com a força chama-se ‘vontade’. É por isso, antes de mais nada, que é preciso evitar os contra-sensos sobre o princípio nietzschiano de vontade de poder. Este primeiro não significa (pelo menos não significa em primeiro lugar) que a vontade *queira* o poder ou o ‘*desejo* de dominar’. Enquanto interpretarmos a vontade de poder no sentido de ‘desejo de dominar’, fazêmo-la forçosamente depender de valores estabelecidos, os únicos capazes de determinar quem deve ser ‘reconhecido’ como o mais poderoso neste ou naquele caso, neste ou naquele conflito. Desse modo ficamos sem conhecer a natureza da vontade de poder como princípio plástico de todas as nossas avaliações, como princípio escondido para a criação de novos valores não reconhecidos. A vontade de poder, diz Nietzsche, não consiste em cobiçar nem sequer em *tomar*, mas em *criar* e em *dar* (cf. o texto *Assim falava Zaratustra*, III parte, *Dos três males*). O poder, continua Deleuze, como vontade de poder, não é o que a vontade quer, mas *aquilo que quer na vontade* (Dioniso em pessoa). A vontade de uma força **obedece**. Aos dois tipos ou qualidades de forças em presença e a sua qualidade respectiva num complexo. Ela também é sempre apresentada como um elemento móvel, aéreo, pluralista. É por vontade de poder que uma força **dirige**, mas é também **por vontade de poder que uma força obedece**. Aos dois tipos ou qualidades de forças, correspondem, pois, duas faces, dois *qualia* da vontade de poder, caracteres últimos e fluentes, mais profundos do que os das forças que deles derivam. Porque a vontade de poder faz com que as forças ativas **afirmem**, e afirmem a sua própria diferença: nelas, a afirmação está primeiro, a negação não passa de uma consequência como um acréscimo de prazer. Mas a característica das forças reativas, pelo contrário, está em **opor-se primeiro** ao que elas não são, em **limitar o outro**: nelas a negação está primeiro, é pela negação que elas atingem uma aparência de afirmação. Afirmação e negação são pois, os *qualia* da vontade de poder, como ativo e reativo são qualidades das forças. E da mesma maneira que a interpretação encontra os princípios do sentido nas forças, a avaliação encontra os princípios dos valores na vontade de poder”. Gilles Deleuze, *Nietzsche*, pgs. 21, 22, 23 (grifos nossos).

conseqüentemente, os juízos e valores. A *genealogia* descobre nessas forças a origem da moral e como elas contribuíram para uma vida ascendente, afirmativa ou, descendente e inibidora dos impulsos. Nietzsche observa que o triunfo das forças ativas ou reativas engendra formas absolutamente contrárias de avaliar a vida. A vida como afirmação dos instintos e da “vontade de potência” é compatível com uma ética nobre, e, por outro lado, a moral do tipo “escravo” diminui a participação dos instintos e inibe a mesma “vontade de potência”, ou pelo menos lhe dá uma outra direção. A ética⁴⁵ nobre é detentora de forças ativas porque não é voltada contra os instintos, é afirmadora de tudo que diz respeito à “vontade de potência”.

Nietzsche, todavia, pergunta-se por que os instintos foram sempre considerados negativamente e estigmatizados e de onde provém este sentimento? Ao mesmo tempo, é levado a perguntar-se por que tudo o que é cuidadosamente pensado lógica e racionalmente, vai prevalecer como *bom* e respeitável. Ele vai perceber que aquilo que consideramos com tanta certeza e entendemos como sendo a definição de *bom* sofreu uma importante inversão de sentido ao longo da história. Para choque e perplexidade de nossa moral democrática e judaico-cristã, de nossa pretensa “espiritualidade” e nossos impulsos altruísticos, vamos compreender que os sentimentos morais tem origem num violentíssimo e longo processo de **interiorização e domesticação dos instintos**:

Quase tudo a que chamamos “cultura superior” é baseado na espiritualização e no aprofundamento da crueldade - eis a minha tese; esse “animal selvagem” não foi abatido absolutamente, ele vive e prospera, ele apenas se divinizou⁴⁶.

Nietzsche dedicou, desde a adolescência até o final de sua produção filosófica, atenção especial à questão do mal e à origem dos preconceitos e das

⁴⁵ Quanto à distinção entre ética e moral em Nietzsche, Roberto Machado acrescenta que “ ‘a moral aristocrática’ é uma ética do bom e do mau considerados como tipos históricos, como valores imanentes, como modos de vida; ética dos modos de ser das forças vitais, (*sic*) que define o homem por sua potência. Em contrapartida, a ‘moral plebéia’ é propriamente uma moral: um sistema de juízos e termos de bem e de mal considerados como valores metafísicos e que, portanto, refere o que se diz e o que se faz a valores transcendentais ou transcendentes.” Ainda Roberto Machado, em nota de pé de página completa: “Foi Gilles Deleuze (*Nietzsche et la Philosophie*, pgs.138, 139) quem demarcou essa distinção conceitual, fundamental no pensamento de Nietzsche, através dessa diferença terminológica também utilizada por ele para distinguir a moral de Espinosa das morais tradicionais. Cf. *Spinoza et le problème de L'Émotion*, pgs. 214, 251. **In** “*Nietzsche e a Verdade*”, p. 69.

⁴⁶ NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, aforismo 229, p.135 (grifo nosso).

avaliações morais. Isto porque, preocupado - e talvez perplexo - com a gravidade de sua constatação, a saber: que os juízos morais, as filosofias, os saberes, em suma, que a visão de mundo adotada pela humanidade - desde suas eras mais primitivas, chegando à sua época e, diríamos nós, à nossa - estava comprometida negativamente pela visão do homem fraco - *culpado* -, do tipo “escravo”, revelamos que:

Por um escrúpulo que me é peculiar, e que confesso a contragosto - diz respeito à *moral*, a tudo o que até agora foi celebrado na terra como moral -, escrúpulo que surgiu tão cedo em minha vida, tão insolicitado, tão incontido, tão em contradição com ambiente, idade, exemplo, procedência, que eu quase poderia denominá-lo meu “*a priori*” - tanto minha curiosidade quanto minha suspeita deveriam logo deter-se na questão ***de onde se originam verdadeiramente nosso bem e nosso mal***. De fato, ***já quando era um garoto de treze anos me perseguia o problema da origem do bem e do mal***⁴⁷.

Entretanto, Nietzsche não diagnosticou apenas a inerência entre civilização e niilismo, ele se preocupou em pensar os traços de um tipo de indivíduo cuja ética lhe permitiria desenvolver um outro olhar sobre o que até agora foi considerado como “mal”:

Nós, os avessos, que abrimos os olhos e a consciência para a questão de onde e de que modo, até hoje, a planta “homem” cresceu mais vigorosamente às alturas, acreditamos que isso sempre ocorreu nas condições opostas, que para isso a periculosidade da sua situação tinha de crescer até o extremo, sua força de invenção e dissimulação (seu “espírito”) tinha de converter-se, sob prolongada pressão e coerção, em algo fino e temerário, sua vontade de vida tinha de ser exacerbada até se tornar absoluta vontade de poder – acreditamos que ***dureza, violência, escravidão, perigo nas ruas e no coração, ocultamento, estoicismo, arte da tentação e diabolismo***

⁴⁷ *Ibid.* *Prólogo* 3, p. 9 (grifos nossos). Nietzsche trabalha com aspectos totalmente distintos de um mesmo termo: por exemplo, observamos no aforismo 4 de *A Gaia Ciência* a seguinte concepção sobre os instintos: “Mas os maus instintos são, na verdade, úteis à conservação da espécie, tão indispensáveis quanto os bons: apenas a sua função é distinta”. Em relação a esta citação, Walter Kaufmann nos diz que “ela ajuda a esclarecer e a iluminar acerca do ‘**imoralismo**’ de Nietzsche, assim como a constante oposição ao utilitarismo e sua recusa em aceitar qualquer contraste simplista entre bem e mal, sendo este, um dos motivos centrais de sua filosofia”. Conclui Kaufmann: “São grosseiras e insustentáveis todas as interpretações que passaram ao largo desta sutileza anti-maniqueísta e entenderem que Nietzsche simplesmente inverte as valorizações tradicionais” (*in The Gay Science*. Vintage, p. 79).

de toda espécie, tudo o que há de mau terrível, tirânico, tudo o que há de animal de rapina e de serpente no homem serve tão bem à elevação da espécie “homem” quanto o seu contrário ⁴⁸.

O homem não pode pretender nenhuma elevação se não considerar aqueles aspectos mais violentos - o que também já é uma interpretação culpada, pois nos acostumamos de tal forma a sermos dóceis e coniventes com a moral vigente que ficamos chocados e histéricos quando alguém consegue não recalcar suas forças mais profundas. Apressamo-nos em estigmatizar os casos mais espontâneos, ou “violentos” como bizarros, excêntricos ou com a fácil rotulação de “perturbação mental”. O que Nietzsche quer dizer é que o que temos de mais primitivo, cruel e rude é a matéria prima de onde formamos um tipo “harmônico”, no sentido heraclítico de uma tensão entre os opostos. ““O homem é mau” – assim falaram, para meu consolo todos os sábios. Oxalá isso fosse verdade ainda hoje! Pois o mal é a melhor força do homem. (...) ‘O homem deve tornar-se **melhor e pior**’ – isto ensino eu. **O pior que tudo é necessário para o maior bem do super-homem**” ⁴⁹. Mas Nietzsche é intransigente em relação a essas forças mais “violentas” serem, digamos assim, “domadas”. A ética do sobre-humano é exigente e não tolera ou transige com a preguiça e a falta de auto-domínio, atitude esta relacionada com o aspecto apolíneo da vida. Se Dionísio representa a exuberância e as forças incontroláveis da natureza, Apolo, por sua vez, dá forma e vai “organizar o caos” das pulsões. A partir daí, o homem vai afirmar a vida fazendo uso tanto dos impulsos como de um certo tipo de “razão”, e, talvez, quem sabe, redimir a história humana de seu pessimismo e niilismo. “Enquanto, em todas as pessoas produtivas, o instinto é justamente a força afirmativa-criativa, e a consciência se conduz de maneira crítica e dissuasora, em Sócrates é o instinto que se converte em crítico, a consciência em criador – **uma verdadeira monstruosidade per defectum!**”⁵⁰. Nietzsche vai demonstrar e desmascarar uma visão predominantemente pessimista enraizada em nossos corações, encarnada na figura do homem “escravo”, *culpado*.

Os quatro erros - O homem foi educado por seus erros:
primeiro, ele sempre se viu apenas de modo incompleto;

⁴⁸ NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, seção 44, p.48 (grifo nosso).

⁴⁹ NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra, Do homem superior*, p. 289.

⁵⁰ NIETZSCHE, *O Nascimento da Tragédia*, 13, p. 86 (grifo nosso).

segundo, atribuiu-se **características inventadas**; terceiro, colocou-se numa falsa hierarquia, em relação aos animais e à natureza; quarto, **inventou sempre novas tábuas de bens, vendo-as como eternas e absolutas** por um certo tempo, de modo que ora aquele impulso e estado humano se achou em primeiro lugar, **e foi enobrecido em consequência de tal avaliação**. Excluindo o efeito desses quatro erros, exclui-se também humanidade, humanismo e “dignidade humana”⁵¹.

Esta categoria psicológica tem sido o primado de todas as culturas humanas, segundo Nietzsche, e o sobre-humano deverá superá-la. Nietzsche desmonta a noção de que a vida é “essencialmente ruim”- visão esta exclusivamente **culpada** - porque o homem precisa lidar com dor e luta. Somente um outro tipo de homem, com uma outra percepção, seria capaz de afirmar a vida **dando uma outra interpretação e estatuto à questão da dor**. Para Nietzsche, é **justamente o vínculo inerente que há entre dor e prazer que torna possível a afirmação incondicional da vida** e, nos advertirá, várias vezes, ao longo de sua vida e obra, em relação aos nossos devaneios e fantasias. Se Nietzsche é um autor que a muitos incomoda, é porque ele nos obriga a reavaliar nossa sôfrega busca por harmonia e “paz de espírito” e outros estados sonhados de bem-aventurança e anestesiamento, em suma, nossa busca por tranquilizantes. Nietzsche não faz conciliações. Quando, por ventura, nos acomodamos, ele nos surpreende e sussurra ao pé do ouvido, tirando o nosso sono:

Abolir o sofrimento é leviandade e loucura” (...) Bem-estar, tal como vocês o entendem - isso não nos parece um objetivo, isso nos parece um *fim*! Um estado que em breve **torna o homem ridículo e desprezível** - que faz *desejar* o seu ocaso! **A disciplina do sofrer, do grande sofrer** - não sabem vocês que até agora **foi essa disciplina que criou toda excelência humana?**⁵².

Assim – positivando o sofrimento e o “mal” no mundo -, em muito Nietzsche se afastou da filosofia tradicional, mas sua abordagem sobre a dor ou alegria de viver, culminando e confluindo para o *übermensch*, é um dos momentos em que seu pensamento mais comove e intriga. A visão do sofrimento como algo que pode ser positivado já tinha, na Antiguidade grega, um belo modelo, nos dirá o próprio Nietzsche⁵³. Mas Nietzsche se debruça, na maior parte de sua obra, a

⁵¹ *Idem, A Gaia Ciência, livro III, seção 115* (grifos nossos).

⁵² NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*. seção 225, p. 131 (grifos nossos).

⁵³ NIETZSCHE, *Crepúsculo Dos Ídolos, O Que Devo Aos Antigos*.

ênfatar a questão da dor pela via da superação da “má consciência”, e nunca por uma saída de nenhuma espécie de transcendência. Nietzsche **ênfata muito a necessidade do sofrer para a compreensão de certas realidades e nisto ele é ímpar**. Porém, algumas filosofias como a de Schopenhauer - que tem um caráter pessimista fortíssimo, dando ao *gênio*, por exemplo, a capacidade de negar o mundo sentindo-o como uma afronta moral, onde, de qualquer forma, será ele, o *gênio*, superado, engolfado pela natureza - as religiões dão uma ênfase enorme ao sofrimento como um artifício em que alguém vai purificar-se de um sofrimento através de um **castigo** ou auto-punição. É importante entender que Nietzsche concebeu o *übermensch* como o tipo - talvez do futuro - que supera a “má consciência” e dá um outro estatuto à maneira humana, *demasida humana* de encarar a dor. O sofrimento é inerente à vida, sim, mas não por causa de um pecado original, por causa de algum juízo de valor religioso ou filosófico que atavicamente e já entranhado no imaginário e na psique dos homens afirma ser a vida uma passagem - de sofrimento para uma outra instância sem dores e decepções. “O ‘pecado’ - pois assim se chama a reinterpretação sacerdotal da ‘má consciência’ animal (da crueldade voltada para trás) – foi até agora **o maior acontecimento na história da alma enferma: nele temos o mais perigoso e fatal artifício da interpretação religiosa**”⁵⁴. E quando se trata de usarmos um termo judaico-cristão tão carregado de imagens como “pecado”, é sempre Nietzsche que nos tranqüiliza - no bom sentido:

Porque o medo - é o sentimento hereditário e fundamental do homem; pelo medo, tudo se explica, o pecado original e a virtude original. Do medo nasceu também a minha virtude, que se chama: ciência.

(...) O medo, precisamente dos animais bravios – é esse que há mais tempo se incutiu no **homem e inclui o medo do animal que ele esconde em si mesmo e teme – o animal interior**, chama-lhe Zaratustra⁵⁵.

Numa interpretação mais psicológica, Nietzsche nos mostra como a própria consciência – sempre má para ele – contrapõe-se a si mesma, isto é, **ela é o problema e a solução** - e este é um ponto capital, pois, **a auto-superação é a “má consciência” superando a si mesma**. Mas a “má consciência” foi necessária

⁵⁴ *Idem. Genealogia da Moral*, III, p.129.

⁵⁵ NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra, Da ciência*, p.304 (grifos nossos).

para construir-se um mundo e é igualmente necessária para destruí-lo e possibilitar de novo uma outra configuração, digamos então, quando entra em cena o *übermensch* como arauto de uma outra forma de percebê-lo, ou, se quisermos, uma outra consciência – pois é sempre extremamente problemático especular sobre que espécie de consciência ou aparelho perceptivo estamos falando quando se trata do sobre-humano. É notória a maneira velada com que Nietzsche expõe o pensamento do *übermensch*, mas ele nos afirma, para nossa surpresa, da necessidade da “má consciência” para o surgimento da cultura humana, sem a qual não teríamos nem sobrevivido. E se pensamos na superação deste triste personagem que chamamos *homem* e no que lhe poderá suceder - o sobre-humano ou mesmo qualquer outra “coisa” -, **esta metamorfose só se dá ou se dará “graças” à “má consciência”**:

A má consciência é uma doença, quanto a isso não há dúvida, mas uma doença tal como a gravidez é uma doença ⁵⁶.

Nietzsche não é, em absoluto, um apologista do sofrimento, ao contrário, ele quer mostrar que julgar a vida “má” por causa da existência da dor no mundo é não compreender a sua inerência, isto é, da dor, à vida, e mais do que isso, da sua inerência ao sentimento que interpretamos como prazer e júbilo. A dor e o sofrimento para Nietzsche parecem ter um significado quase religioso dada a maneira como deles trata, mas mais especificamente, a questão do sofrimento envolve um intrigante paradoxo. Uma natureza forte sabe interpretar e transmutar o sofrimento como um caminho, um ingrediente, digamos assim, sem o qual a vida não poderia ser sentida, fruída em toda a sua intensidade e plenitude, e esta noção, caríssima a Nietzsche, permeia toda a sua filosofia, constituindo **um dos pilares da ética sobre-humana**. Stefan Zweig, no seu belíssimo estudo sobre Nietzsche ajuda-nos um pouco mais a compreender a relação de Nietzsche com o sofrimento, o prazer e a vida, e nos ilumina neste intrincado paradoxo entre dor e prazer através de seu impressionante e comovente relato que não poderíamos de jeito nenhum omitir:

“Somente a dor dá ciência” (Assim entoava seu canto de

⁵⁶ *Idem.*, II, afor. 19, pgs. 76, 77.

gratidão à dor, esse homem torturado). **A saúde, simplesmente herdada, não se preza jamais, e evita a lucidez:** nada deseja, nada pergunta, por isso que não há psicólogos que desfrutem boa saúde. Toda a ciência vem da dor, ‘a dor procura sempre as causas das causas, enquanto o bem estar deseja ficar quieto e não volve o olhar para trás’. Na dor o homem se torna cada vez mais sensível; é o sofrimento que prepara e lavra o terreno para a alma, e essa dor que produz o arado ao rasgar a alma, prepara todo o fruto espiritual. **“Só a dor liberta o espírito, só ela nos obriga a descer ao mais profundo do nosso “eu”, e por ser quase mortal essa dor, diz ainda essas orgulhosas palavras: “Conheço melhor a vida, porque constantemente tenho estado em transe de perdê-la”.**

Nietzsche vence toda a dor, não por um artifício, não por uma negação, não por paliativos, não idealizando o sofrimento corporal, porém **pela força primordial da sua natureza: pelo conhecimento. O magnífico descobridor de valores** descobre em si mesmo o valor da enfermidade. Mártir ao inverso, não chega ao tormento cheio de fé; encontra essa fé no sofrimento, na própria dor. **Mas, por misteriosa ciência, descobre não só o valor da doença, como também o lado oposto: o valor da saúde. Fazem falta essas duas coisas reunidas, para dar o verdadeiro sentido da vida, o eterno estado de tensão que oscila entre o êxtase e o tormento,** e que lança o homem para o infinito. **Ambas são necessárias: a enfermidade, como meio; a saúde, como fim; a enfermidade é o caminho, a saúde é a meta.**

No seu modo de Ver, o sofrimento é a orla imprecisa da enfermidade; a orla oposta brilha de um modo indeciso: é a orla da saúde, que não pode ser alcançada se não se parte do sofrimento. Curar-se, obter a saúde é alguma coisa mais do que alcançar um estado normal de saúde; não é apenas uma mudança, uma transformação; é infinitamente mais. Essa segunda saúde que segue à enfermidade, essa saúde que não veio sem saber por que, senão que foi desejada com anelo, que foi atraída pela vontade à custa de mil tormentos e lamentos, gritos e suspiros; - **essa saúde que foi conquistada, é cem vezes mais viva que a daquele que sempre esteve são.** E ele que saboreou uma vez a sua doçura, a sua embriaguez, arde em desejos de desfrutar mil vezes essa agradável sensação. Precipita-se diversas vezes no torvelhinho de fogo da dor e submete-se aos tormentos só para poder encontrar de novo essa impressão deliciosa da cura, essa embriaguez que para ele ultrapassa mil vezes aos estimulantes vulgares, como o álcool ou a nicotina⁵⁷.

Este longo relato acima, eivado da paixão de Zweig, nos dá uma linda

imagem sobre a relação de Nietzsche com a idéia do sofrimento no mundo e da relação do próprio homem Nietzsche com as suas torturas íntimas. Voltaremos mais adiante a esta questão do sofrimento, e como ele se insere dentro da ótica do *übermensch*.

A interpretação que vincula o sofrimento como um aspecto negativo da vida que deveria ser corrigido é moralmente deficitária, indigente, mas é a visão do homem ou da mulher “escravos”. Eles vêem a desventura no mundo como algo a suportar, como algo errado que não deveria estar aí, na vida. Já na visão do tipo nobre, o sofrimento é encarado como trampolim e catapulta para a sua própria superação. Que maravilhosa e intrigante inversão de perspectiva! Quando pensa naqueles que não compreendem a necessidade da dor para se forjar o “espírito” nobre, Nietzsche escreve:

A tensão da alma na infelicidade, que lhe cultiva a força, seu tremor ao contemplar a grande ruína, sua inventividade e valentia no suportar, persistir, interpretar, utilizar a desventura, e o que só então lhe foi dado de mistério, profundidade, espírito, máscara, astúcia, grandeza - não lhe foi dado em meio ao sofrimento, sob a disciplina do grande sofrimento? No homem estão unidos criador e criatura: no homem há matéria, fragmento, abundância, lodo, argila, absurdo, caos; mas no homem há também criador, escultor, dureza de martelo, deus espectador e sétimo dia - vocês entendem essa oposição? ⁵⁸.

Em Nietzsche, a vida não é, a princípio, nem “boa” nem “má”, mas é a partir de certos posicionamentos que vão afetar nossa fisiologia e nosso pensamento - não necessariamente nessa ordem, senão estaríamos fisiologizando o pensamento -, então, é a partir daí que vamos efetuar julgamentos de valor sobre o que quer que seja. O que vemos com Nietzsche, evidentemente, é que a perspectiva que prevaleceu e subjugou o tipo afirmador foi a negativo e pessimista da vida.

É difícil falar do tema da afirmação, da moral *escrava*, sem passar pela questão das práticas ascéticas. Elas, assim como as filosofias em geral, as religiões e o chamado pensamento “místico” são práticas de anestesiamento da vontade, sobretudo no que se refere ao homem burguês. São o espelho e os

⁵⁷ ZWEIG, Stefan, *Os Construtores do Mundo*, pgs. 326, 327, 328 (grifos nossos).

sintomas de uma grave doença que enfraquece o homem à medida que limita e inibe a “sua” dita “vontade de potência” que, traduzida para a ótica do homem nobre ou sobre-humano, significa **embate, tensão, empenho e superação**. “E este segredo a própria vida me confiou: ‘Vê’, disse, **‘eu sou aquilo que deve sempre superar-se a si mesmo’**”⁵⁹, “Eu sou, nos repetirá sempre Nietzsche, um adversário do amolecimento moderno dos sentimentos”⁶⁰.

A culpa traz à tona a noção de rompimento com a vida entendida como “vontade de potência”, isto é, se a vida é uma força que se efetiva constantemente e sem intenção ou finalidade, a referida culpa é a produção de um tipo de vida que já não é a efetivação de si mesma, de sua vitalidade, mas a efetivação de uma força que age a partir de uma *weltaunchauung*, de uma moral enfraquecida, a moral do “escravo”. O sentimento se torna culpado à medida que, já não agindo instintivamente, o homem submete e subjuga seus impulsos ao crivo da razão, do ‘Eu’. Assim fazendo, ele rompe com as forças instintuais, rompe seu elo com a vida e a compromete irreversivelmente. Se o homem do tipo forte, nobre, ou sobre-humano está comprometido com a sua força, e a exerce plenamente, o tipo “escravo”, corrompido, pode comprometer a vitalidade dos fortes à medida que os contagia com a sua tristeza e culpa, fazendo-os “parar” para “refletir”. Esse se constituirá num momento de grande perigo para o nobre - e para o ser-acima-do-humano -, o instante em que a força se divorcia de seu agente e o torna doente porque triste, acovardado, “compenetrado...”. Seguindo tal raciocínio, Michel Henry a respeito de Nietzsche declara:

Que essa **ruptura da imanência da vida constitui uma característica própria da fraqueza** é visto mais claramente se, antecipando um pouco a ordem da análise, lançarmos desde já um olhar para a luta dos fracos contra os fortes, para o modo como os primeiros nela se empenham para derrubar a força dos segundos. Essa destruição da força é justamente **a ruptura de sua própria imanência, a qual é conseguida se os fracos conseguirem inserir sua própria fraqueza na alma dos fortes, “se eles lograrem colocar sua própria miséria e toda a miséria do mundo na consciência dos felizes, de tal modo que, um dia, estes chegassem a ter vergonha de sua felicidade** e talvez dissessem entre si: ‘É uma vergonha ser feliz! Existe miséria demais!’ **Força e**

⁵⁸ NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, aforismo 225, pgs.131, 132.

⁵⁹ NIETZSCHE, Assim Falou Zaratustra, *Do superar a si mesmo*, p.126 (grifo nosso).

⁶⁰ NIETZSCHE, *Genealogia da Moral, Prólogo* 6, p.12.

fraqueza assim se distribuem com toda a clareza como a felicidade e a vergonha, como a imanência da vida e como a sua ruptura⁶¹.

Com efeito, pode-se dizer que a culpa vai se erigir no mais nefasto, terrível e devastador afeto humano. É uma espécie de afeto que trai a vida, primeiro, porque inibe a plena afirmação de uma dada ação e, segundo, porque suga e exaure fisiologicamente a tal ponto que toda a força necessária para se levar a cabo seja lá o que for, fica obliterada pelo desgaste psíquico e físico que a culpa acarreta. Quando uma ação é afirmadora, não se sente arrependimento, não se sente remorso. **Existe o ato e pronto, o ato é tudo.** Nietzsche, a nosso ver, foi o único filósofo que percebeu na culpa a importância e gravidade que ela tem, na medida em que é formadora de concepções de vida e de modelos morais. Segundo Michel Henry, Nietzsche não fez outra coisa senão “considerar de olhos abertos o insondável mistério dessa doença da vida, essa vontade da vida de **atentar contra a sua própria essência** e, assim, auto destruir-se: ‘Que animal demente e triste é o homem!’ ”⁶².

Procurando identificar as origens das avaliações humanas, Nietzsche descobre que a dor e a tristeza vão servir de referências para a elaboração das filosofias⁶³ e para as avaliações morais, e, por fim, vão enraizar-se, virar hábitos, comprometendo assim todas as áreas do saber ao longo das culturas humanas:

⁶¹ HENRY, Michel, *A Morte dos Deuses, Vida e afetividade em Nietzsche*, p.47 (grifos nossos).

⁶² *Ibid*, p. 43 (grifo nosso).

⁶³ Na *Genealogia da Moral*, Nietzsche descreve as origens da filosofia e do estreito vínculo com a religião: “A um exame histórico sério, o laço entre o ideal ascético e filosofia revela-se ainda mais estreito e sólido. Pode-se dizer que apenas nas *andadeiras* desse ideal a filosofia aprendeu a dar seus primeiros passinhos sobre a terra”. A filosofia, continua Nietzsche, “desprezada na medida exata em que não era temida! Foi em forma disfarçada, com aparência ambígua, mau coração, e freqüentemente amedrontada, que a contemplação apareceu de início sobre a terra: quanto a isso não há dúvida. O que havia de inativo, cismador, não-guerreiro nos instintos dos homens contemplativos, despertou por muito tempo uma profunda desconfiança à sua volta”. Resumindo, diz-nos ele: “o espírito filosófico teve sempre de imitar e mimetizar os tipos *já estabelecidos* do homem contemplativo, o sacerdote, o feiticeiro, o adivinho, o homem contemplativo, o homem religioso, em suma, para de alguma maneira *poder* existir: por um longo tempo o ideal ascético serviu ao filósofo como forma de aparecer, como condição de existência - ele tinha de *representá-lo* para poder ser filósofo, tinha de *crer* nele para poder representá-lo. A atitude à parte dos filósofos, caracteristicamente **negadora** do mundo, **hostil** à vida, **descrente dos sentidos**, dessensualizada, e que foi mantida até a época recente, passando a valer quase como a *atitude filosófica em si* - ela é sobretudo uma consequência da precariedade de condições em que a filosofia surgiu e subsistiu: na medida em que, durante muitíssimo tempo, **não teria sido absolutamente possível filosofia sobre a terra sem o invólucro e disfarce ascético** sem uma auto-

-incompreensão ascética. Expresso de modo vivo e evidente: o *sacerdote ascético* serviu, até a

A moralidade não aparece, senão depois da *sujeição*; além disso, ela mesma é durante algum tempo também uma sujeição à qual os homens se submetem **para evitar o desagradável. Depois se converte em um costume e logo numa **livre obediência** e, por último, **quase em um instinto**; então, **como tudo que é habitual e natural desde muito tempo, se liga ao prazer e ganha o nome de *virtude***⁶⁴.**

Nietzsche suspeita do vínculo entre a dificuldade do homem frente à dor e a elaboração de concepções morais, religiosas ou filosóficas. O fato é que, deste vínculo - jamais cogitado da forma como foi proposto por Nietzsche, e esquecido como tendo sido o primeiro móvel que induziu a imaginação humana a fabricar ficções para lidar com o aspecto trágico da vida, com a própria dor - Nietzsche identifica dois tipos de homem: um, incapaz de se relacionar com a dor, vai conceber a moral do “escravo”; o outro, o homem nobre ou aristocrático, uma visão afirmadora. Este vai construir uma visão de mundo, uma ética que vai perceber na dor um componente inerente à vida, mas em oposição total ao primeiro, compreende a dor como um poderoso **estimulante**, e, condição sem a qual a vida não é possível, isto é, - a vida afirmativa, criativa.

O significado que damos à idéia de homem, aqui é referida ao indivíduo que visa ao “útil”, que visa exclusivamente à sua auto-conservação, enquanto cativo que é do ressentimento, da culpa, nos moldes que Nietzsche expõe e da visão teórica, iluminista e racionalista da vida que enxerga no “progresso” o grande projeto de salvação e de solução para todos os problemas humanos. Mas, sobretudo, vamos pensá-lo como o homem culpado, isto é, à luz da psicologia de Nietzsche, que vai denunciar a consciência como **“a profunda doença que o homem teve de contrair”** e, por assim dizer, o preço bem alto que o animal homem pagou e paga “sob a pressão **da mais radical das mudanças que viveu** - a mudança que sobreveio quando ele se viu **definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz**”⁶⁵. Preço alto, dizemos, pois não haveria modo de o homem aparecer sobre a terra não fosse sua saída do nível da *animalitas*:

O homem é o ***não-animal*** (*Unthier*) e o *além do-do-*

época mais recente, como triste e repulsiva lagarta, única forma sob a qual a filosofia podia viver e rastejar. Isto *mudou* realmente?”. *Genealogia da Moral*, pgs. 102, 105 (grifos nossos).

⁶⁴ NIETZSCHE, *Humano Demasiado Humano*, aforismo 99, p. 98 (grifos nossos).

⁶⁵ NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, II, aforismo 16, p.72 (grifos nossos).

animal (Überthier); o homem superior é o não-homem e o Além-do-homem: de modo que isso se entrepertence. Com todo crescimento do homem em sua grandeza e elevação, cresce ele também no profundo e terrível: **não se deve querer uma dessas coisas sem a outra** – ou, muito mais fundamentalmente se quer uma coisa, **tanto mais fundamentalmente se alcança precisamente a outra** ⁶⁶.

A consciência, que, - como dissemos -, em Nietzsche, é sempre má, surge por motivos de comunicação⁶⁷ e sobrevivência. O preço altíssimo a pagar foi perder os “velhos impulsos reguladores” e passar a “inferir, calcular, combinar causas e efeitos”, em suma, a “pensar”:

Vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu - a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz. O mesmo que deve ter sucedido aos animais aquáticos, quando foram obrigados a tornar-se animais terrestres ou perecer, ocorreu a esses semi-animais adaptados de modo feliz à natureza selvagem, à vida errante, à guerra, à aventura - **subitamente seus instintos ficaram sem valor e “suspensos”**. A partir de então deveriam andar com os pés e ‘carregar a si mesmos’, quando antes eram levados pela água: havia um terrível peso sobre eles. Para as funções mais simples sentiam-se canhestros, **nesse novo mundo não mais possuíam os seus velhos guias, os impulsos reguladores e inconscientemente certos** - estavam reduzidos, os infelizes, a pensar, inferir, calcular, combinar causas e efeitos, reduzidos à sua “consciência”, ao seu órgão mais frágil e mais falível! Creio que jamais houve na terra um tal sentimento de desgraças, **um mal-estar tão plúmbeo** - e, além disso, **os velhos instintos não cessaram repentinamente de fazer suas exigências!** Mas era difícil, raramente possível, lhes dar satisfação: no essencial tiveram de buscar **gratificações novas e, digamos, subterrâneas** ⁶⁸.

Considerando a culpa como o móvel da História do homem, escreve Nietzsche: “...infelizmente *não só* em sua história (...) mas sem qualquer exagero,

⁶⁶ NIETZSCHE, *Fragmento Póstumo* 9 [154], outono de 1887. In KSA, vol. 12, p. 354, *In Nietzsche, A Grande Política*. Tradução e seleção Oswaldo Giacóia Jr., p.38 (grifos nossos).

⁶⁷ NIETZSCHE, cf. *A Gaia Ciência*, seção 354.

⁶⁸ NIETZSCHE *Genealogia da Moral*, II, aforismo 16, pgs.72, 73 (grifos nossos).

a autêntica fatalidade na história da alma do homem europeu⁶⁹ (...) O homem civilizado, ‘o animal amansado’, que se fere nas barras da própria jaula, carente e **consumido pela nostalgia do ermo**⁷⁰. Sob essa ótica sombria que engendrou os “mais altos valores da civilização” é que estamos nos referindo, quando falamos do homem. Vejamos, inicialmente, o alerta que Nietzsche anuncia quando fala deste homem, e observemos que ele não se refere ao homem sem usar aspas. Aspas que podem significar desprezo pelo homem tal como o conhecemos, o homem dos instintos atrofiados, o homem da razão calculista, o homem burguês, mas também o homem como passagem, como ponte, algo temporário e transitório, uma etapa **necessária** para o aparecimento de algo, digamos assim, mais bem constituído. Aliás, ensina-nos Nietzsche que não se deve alimentar afetos negativos, seja lá quais forem em relação ao tipo do homem comum, evidentemente não por nenhum tipo de moralidade ou por “boas maneiras” - até porque “todas as verdades silenciadas tornam-se venenosas”⁷¹ -, mas **porque estaríamos correndo perigo no registro do ressentimento e da “má consciência”** se sentíssemos demasiado nojo por nossas constatações, se é que é possível fazer determinadas constatações sem sofrer por isso.

Os perigos que ameaçam o desenvolvimento do filósofo são hoje tão variados, que chegamos a duvidar que esse fruto algum dia amadureça⁷².

Quanto mais um psicólogo – um nato e inevitável psicólogo e leitor de almas – voltar a atenção para os casos mais seletos, maior será o perigo de ele **sufocar de compaixão: ele necessita dureza e serenidade, mais que qualquer outro homem**⁷³.

Nietzsche reivindica um tipo de sensibilidade para o filósofo que pode ser ambígua na medida que ele não tem a frieza calculista, digamos, do acadêmico habitual, que teme os próprios sentimentos e não sabe dosar o quanto da sua própria paixão e dor deve participar de um juízo de valor. Mas o pesquisador por demais sensível pode inviabilizar sua vida e sua pesquisa devido a um excesso de *pathos*, isto é, um desequilíbrio entre sua paixão e sua força para “dominá-la” e moldá-la plasticamente à atividade criadora. **É preciso ter a força de suportar a**

⁶⁹ *Ibid.*, III, aforismo.21, p.163 (grifo nosso).

⁷⁰ *Ibid.*, II aforismo 16, p.72 (grifo nosso).

⁷¹ NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra, Do Superar a Si Mesmo*, p.129.

⁷² NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal, Nós, Eruditos*, p.107.

própria dor e incluir essa dor ou paixão no ato da criação-interpretação e do conhecimento, afinal:

Não somos batráquios pensantes, não somos aparelhos de objetivar e registrar, de entranhas congeladas – temos de continuamente parir nossos pensamentos em meio a nossa dor, dando-lhes maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós. Viver – isto significa, para nós, transformar continuamente em luz e flama tudo o que somos, e também tudo o que nos atinge; não podemos agir de outro modo ⁷⁴.

Mas este é um “problema” para a filosofia de Nietzsche e, segundo suas próprias palavras, um risco e um perigo para o pensador e pesquisador, ou seja, não sucumbir às próprias constatações e análises e estar, no fundo, ciente, diria Nietzsche, de que o homem contém em si uma esperança e o **germe** de algo além dele mesmo e de que “o que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta: o que pode amar-se no homem, é ser uma *transição* e um *ocaso*”⁷⁵. Nietzsche nos conclama, sem nenhuma garantia, de que não nos esqueçamos - e mesmo nos provoca na sua obra capital sobre o *übermensch*, *Assim Falou Zaratustra* - do risco e o perigo da experimentação - embora risco e perigo aí sejam no sentido positivo -, a fim de pensar o homem como se este “fosse não uma meta, mas apenas um caminho, um episódio, uma ponte, uma grande promessa...”⁷⁶. Em tais pensamentos de Nietzsche acerca de sua criação sobre-humana, é possível compreender que, para ele, tal concepção - a do *übermensch* - não é em absoluto uma utopia ou fantasia, mas uma noção concreta que encarna a **convocação afirmativa** de um tipo de indivíduo que se apropria de sua “vontade de potência” para criar novos valores, superar e ir além do homem tal como o conhecemos. Mas permanecer confiante nessa perspectiva torna-se cada vez mais difícil, e o perigo de afundar no niilismo mais pejorativo, isto é, cínico, improdutivo e passivo, é imenso - ainda que um certo tipo de niilismo seja condição *sine qua non* à ascensão de algo novo e positivo como o *übermensch* -, pois assistimos hoje e nos damos conta atônitos e aterrorizados que - talvez mais do que em qualquer

⁷³ *Idem*, *O Que é Nobre ?*, p. 183.

⁷⁴ NIETZSCHE, *A Gaia Ciência, Prólogo 3*, p.13 (grifo nosso).

⁷⁵ NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra, Prólogo*, p.29.

⁷⁶ NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, II, seção16, p.74.

outro período da história - a indigência geral de depressão, ansiedade, sobretudo a ansiedade e a volúpia niilista é tão avassaladora que às vezes olhamos para o pensamento esperançoso de Nietzsche com extrema preocupação e ceticismo e, até, por vezes - admitimos -, tendemos a resvalar também para um certo cinismo, aquele tipo de cinismo o mais vulgar e niilista possível que a Nietzsche tanta repulsa causava. Mas é preciso, a todo custo, mesmo que nos arrisquemos a parecer estar falando da esperança num ser diferente como se um credo ou dogma messiânico fosse, a perseverar e ser “fiéis” ao pensamento de uma possível superação do homem, tal como o filósofo acreditava. Pois, novamente, Nietzsche nos conclama - no bom sentido, como conclama os “companheiros” no *Zaratustra* -, e mostra com seus escritos que o *übermensch* **é uma realidade e uma ética possível**, por exemplo, quando, delicado, amoroso e **virilmente compassivo** ⁷⁷, consola o jovem rapaz que desespera, sofre e chora pelas esperanças esgarçadas e pela constatação de que o homem não tem nenhum futuro promissor. Em *Da Árvore no Monte Zaratustra*, quer consolar o jovem e mitigar seu niilismo querendo dizer que algo superior e belo, não desprezível como o atual “último homem” é **ainda possível**. Aliás, enfatizando o *übermensch* como algo **factível e possível**, Nietzsche, de uma certa maneira, além de nos alertar a não desistir, nos previne quanto ao perigo de que nos contaminemos e sucumbamos àquele tipo de niilismo paralisante, o da apatia que hoje conhecemos tão bem e, um tanto surpreendentemente, faz o apelo: **“Pelo amor e esperança, eu te suplico: não deites fora o herói que há na tua alma! Conserva a tua mais alta esperança (...) Quanto mais quer crescer para o alto e para a claridade, tanto mais suas raízes tendem para a terra, para baixo, para a treva, para a profundidade – para o mal”** ⁷⁸.

No final da segunda dissertação da *Genealogia*, Nietzsche nos mostra como ele crê numa mudança e transformação efetiva daquilo que nós somos para algo absolutamente inusitado. Não vemos aqui nenhum duplo sentido nem metáforas que poderiam suscitar ambigüidades, mas uma linguagem direta e clara

⁷⁷ Cf. Também *A Gaia Ciência*, seção 338, onde Nietzsche nos transmite belamente a idéia da **compaixão viril** falando da “*partilha da alegria*”. Na seção 209 de *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche comenta sobre o “**ceticismo viril**” de outros tempos. E maravilhosamente fala da “**compaixão viril**” na seção 293 do mesmo livro. **Quem acusa Nietzsche de impiedoso é porque, ou não o leu direito, como se deve, ou como aprendemos com a sua faceta de psicólogo, por trás do julgamento da noção convencional de compaixão, está falando a velha e “boa” má consciência com sua moral burguesa, judaica e cristã.**

sobre como ele vê no ser-acima-do-humano **algo que deve ser pensado como uma realidade que já foi possível no passado e se faz uma promessa para o futuro**. Vejamos o que diz Nietzsche neste emblemático escrito e um dos raros momentos onde Nietzsche é mais explícito sobre sua idéia capital:

A humanidade não representa uma evolução para alguma coisa melhor, mais forte ou mais elevada, como hoje se acredita. O “progresso” não passa de uma idéia moderna, isto é, de uma idéia falsa. Quanto a valor, o europeu de hoje está muito aquém do europeu da Renascença. Desenvolver-se não significa em absoluto necessariamente elevar-se, realçar-se, fortalecer-se.

Em outro sentido, existe um êxito contínuo de casos isolados em diversos pontos da Terra, e em meio das mais diversas civilizações, com os quais se representa efetivamente um *tipo superior*, alguma coisa que, em relação a toda a humanidade, constitui uma espécie de super-homem. Tais casos de grande êxito foram sempre possíveis, e sê-lo-ão talvez em todos os tempos. E até raças inteiras, tribos e povos podem em circunstâncias especiais, representar semelhante *homem de sorte*⁷⁹.

Todavia, o pensamento do sobre-humano não pode e não deve ser explicitado, pois do inaudito que também comporta aspectos do dionisíaco e heraclítico, nenhuma linguagem poderia dar conta, sob pena de transfigurar o que significa a intensidade sobre-humana. Por isso, Nietzsche insiste: **“não falem, mas cantem!”**, como faz a música dionisíaca que nos arrebatava para fora de nossas nefastas ilusões e ficções. **“Como é agradável que existam palavras e sons; não são, palavras e sons, arco-íris e falsas pontes entre coisas eternamente separadas?** Toda a alma tem o seu mundo, diferente dos outros; para toda a alma, qualquer outra alma é um transmundo”⁸⁰. Não há meios ou pontos de referência racional-expositivos para se compreender o que significa precisamente o *übermensch* e o empenho trágico em que ele está inscrito. Não existe possibilidade de desvendar com precisão as nuances, falhas e sucessos do cenário nietzschiano (Ariadne, Dionísio, Sileno, Wagner, Apolo, a floresta, a caverna, os animais de *Zaratustra*, Cosima, Overbeck, Peter Gast, Lou Salomé, a sua própria família, o equilibrista, o eremita, Sócrates, os demônios, o sol, o sobre-humano,

⁷⁸ NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra, Da árvore do monte*, pgs. 60,61 (grifo nosso).

⁷⁹ Cf. *O Anticristo* 4, p.10

⁸⁰ NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra, Do Convalescente*, seção 2 p. 223 (grifo nosso).

etc.) porque sua biografia compõe já o seu pensamento, mas ao mesmo tempo não se confunde com ela. Como é sabido, Nietzsche não respeitava uma filosofia que não fosse o reflexo de seu autor e nesta direção ele nos diz que “**absolutamente nada no filósofo é impessoal**”⁸¹; ao mesmo tempo, ele nos dirá no *Ecce Homo* que “uma coisa sou eu, outra coisa são meus escritos”. Nietzsche tem um estilo, muitas vezes, “agressivo” de chamar-nos a atenção, mas esta agressividade é compatível e proporcional a nossa pasmaceira e pretende - como um pai ou uma mãe amorosos - sacudir-nos e despertar-nos para aprendermos a ser autônomos e corajosos e, num nível bem mais ambicioso, sobre-humanos. Mas ao contrário de Marx, para quem as massas estão sempre incluídas nos seus projetos - comoventes porque buscam aliviar o sofrimento causado pelas injustiças econômicas e sociais -, Nietzsche não vê a sua filosofia e muito menos o sobre-humano como sendo para todos, mas apenas para um seleto grupo de “companheiros”, sobre os quais ele empreende uma busca angustiada e, ao mesmo tempo, alegre no seu *Zarathustra*.

Nietzsche não nos fala a partir de uma verdade e nem oferece garantias. “Apenas” nos conclama a nos inventarmos o tempo todo, **para além de todas as referências conhecidas**, a usarmos mil máscaras no seu teatro solar - pois a luz ofuscante do meio-dia traz a mensagem e esperança sobre-humana. A “verdade” de Nietzsche e, para o que mais nos interessa, o sobre-humano, já estão contidos em nós mesmos, não havendo a possibilidade de um conhecimento das coisas em si mesmas. O conhecimento que realmente conhece se compreende no trágico ou no *saber* trágico, onde habita o sobre-humano que, por sua vez, não se deixa cooptar por nenhum tipo de conhecimento verdadeiro, **só se deixa perceber, talvez, como através da sensação de quem olha de soslaio ou de relance um determinado objeto.**

É comum causar espécie quando um filósofo se expressa com o estilo exortativo, ainda mais se resvalar para o modo exaltado e mesmo, muitas vezes, agressivo com que Nietzsche o faz, mas não nos devemos deixar desviar daquilo que ele pretende, e de examinar o conteúdo por trás de seu estilo “incomum”, que é denunciar nossa tara pelo pensamento lógico, pela “verdade”, nossa mais cara ficção, e nossa crença na idéia de um “eu” racional, de um sujeito que pode dar

⁸¹ *Idem, Além do Bem e do Mal*, seção 7, p. 14 (grifo nosso).

conta, através de fórmulas conceituais do “problema” da existência; aliás, para Nietzsche, um **falso problema**. Uma vez que a “má consciência”, iludida pelas suas próprias percepções e parâmetros distorcidos, pensa a existência como problema, é preciso refletir sobre a “má consciência” como **o problema**, e não a existência. Como sabemos e veremos a seguir, a existência para Nietzsche não se explica, **não carece de justificativa**, por isso ela é **trágica**. **A “má consciência” e o ressentimento são também atributos do *übermensch*, mas** atributos que nele estão enfraquecidos e não o paralisam, inibem ou contaminam as suas valorações morais e suas ações. Tampouco um ser-acima-do-humano tem necessidade de atrelar-se a dogmas ou crenças. Em nome de crenças milenares fundadas, por exemplo, no *pathos* religioso, que tem como raiz um aspecto metafísico ou pseudometafísico, ou em ideologias políticas, o homem - reativo - alimentou sentimentos de ódio contra outros homens - reativos - e aproveitou para justificar holocaustos e massacres. **Um aspecto emblemático do diagnóstico nietzschiano é denunciar que as criações humanas ao longo da História, nossos mais caros sentimentos morais e tudo que julgamos como nobre e belo foram concebidas a custo de muito sangue e crueldade.** Nietzsche não nos deixa descansar em “boa consciência” quando nos sussurra ao ouvido: **“o quanto de sangue e quanto de horror há no fundo de todas as ‘coisas boas’”... !** ⁸² .

Logo, a “agressividade” do estilo nietzschiano é proporcional à violência que o tipo ressentido e culpado - sempre ele - perpetrou ao longo dos tempos. Nietzsche incomoda e fascina ao mesmo tempo porque expõe sem meias palavras que **“os ideais até agora vigentes, todos ideais hostis à vida, difamadores do mundo, devem ser irmanados à má consciência”** ⁸³ .

2.2

A moral do homem comum

A chamada modernidade tem no utilitarismo embutido na “ética” industrial, ou do capital, a absoluta submissão ao fator econômico. A percepção da vida, do ponto de vista da moral do homem comum, é tão atacada por Nietzsche - entre outros fatores - porque com a modernização e industrialização, a idéia de

⁸² *Idem*, II, p.52 (grifo nosso).

conforto material, de segurança econômica, a preocupação com a saúde e o prolongamento de vida que lhe são inerentes - e que paradoxal e concomitantemente ajudaram a fomentar um tipo frágil de homem -, deixou os indivíduos mais acomodados. À medida que certas facilidades de ordem prática foram sendo implementadas na vida cotidiana, degeneraram e debilitaram pouco a pouco o corpo e o espírito deste novo tipo de homem, o homem burguês, ou o “último homem”:

Nós, homens modernos, muito delicados, muito vulneráveis, dando e recebendo múltiplas considerações, imaginamos efetivamente que esta terna humanidade, que nós representamos, esta unanimidade *conseguida* na indulgência, na ajuda recíproca, na confiança mútua, **constitui um progresso positivo** e que, por isso, somos muito superiores aos homens do Renascimento. Mas qualquer época pensa assim, *deve* assim pensar. É certo que não podemos colocar-nos, nem sequer imaginar-nos, na situação do Renascimento: **os nossos nervos não suportariam aquela realidade, para não falar dos nossos músculos** (...) Se eliminássemos com o pensamento a nossa delicadeza e atraso no tempo, a nossa **senilidade fisiológica**, também a nossa moral da “humanização” perderia imediatamente seu valor - **em si nenhuma moral tem valor - : a nós mesmos nos faria desprezíveis**. Por outro lado, não duvidamos que nós, os modernos, com a nossa **humanidade espessamente almofadada**, que não quer embater em nenhuma pedra, ofereceríamos aos contemporâneos de César Bórgia uma comédia ridícula (...) A diminuição dos instintos hostis e que despertam a desconfiança - e seria esse o nosso “progresso” – representa apenas uma das conseqüências da diminuição geral da *vitalidade*: custa cem vezes mais esforço, mais circunspeção, levar uma existência tão condicionada e tão tardia...

A nossa suavização dos costumes – eis o meu princípio, e tal é, se se quiser minha inovação – é uma conseqüência da superabundância de vida: pode, então, arriscar-se muito, exigir-se muito e também muito se dissipar. O que, outrora era o sabor da vida seria, para nós, *veneno*...(...) ⁸⁴.

Nunca o homem desceu tão baixo e por isso o filósofo cunhou o termo “os últimos homens”, porque somos mesmo os últimos, os que não podem degenerar mais e descer mais em relação ou comparação à disciplina e força de vontade

⁸³ *Idem*, II, p.84 (grifo nosso).

⁸⁴ NIETZSCHE, *Crepúsculo dos Ídolos, Incursões de um Extemporâneo*, seção 37, pgs. 94, 95 (grifos nossos).

alcançada por outros indivíduos, em outras épocas. **“Confrontado com o grego, o mundo moderno cria em geral apenas aberrações e centauros”**⁸⁵. A ausência de uma preocupação moral e ética, em que a disciplina e o exercício da vontade, por exemplo, possam servir de parâmetros para uma educação e iniciação nas ciências humanas e nas artes, é gritante. Existe apenas uma preocupação em criar uma disciplina através dos esportes, como se estes por si só pudessem salvar alguém das drogas, e mesmo eles já perderam muito do seu sentido lúdico e agonístico, com tantas normas e regras, e foram cooptados por interesses comerciais maiores. Hoje, somente através das religiões e movimentos fundamentalistas, ou na competição comercial, alguma obstinação e sentido de determinação são instilados nas novas gerações. Vivemos sob o que Spencer e Ortega chamaram a **“ética” industrial** e Marx a *ética do capital*, e hoje nós a chamamos com o famigerado nome de **“lei” do mercado**. Uma espécie de voluntarismo, compreendido como “força de vontade”, direcionado exclusiva e unicamente para o lucro financeiro, para o trabalho.

O tipo aristocrático, na Antiguidade, definia-se pela sua integralidade⁸⁶: ele era preparado para desenvolver a sensibilidade em várias atividades, muito diferente do chamado homem moderno, que tecnicamente começa a se diversificar para sobreviver, pois a figura do especialista está se dissipando. Porém, este homem técnico é absolutamente obtuso para lidar com as chamadas “questões da vida”, quer dizer, está perdido em relação a seus próprios afetos, suas paixões (se as têm), dores e prazeres:

Os gregos não precisam destas alucinações conceituais, entre eles se expressa com aterradora sinceridade que o trabalho é um ultraje - e uma sabedoria mais velada, que raramente vem à fala, mas que vive por toda parte, leva à conclusão de que as coisas humanas também são um nada ultrajante e lastimável e a **“sombra de um sonho”**. **O trabalho é um ultraje porque a existência não tem nenhum valor em si mesma**: mas ainda que esta existência brilhe com o adorno sedutor das ilusões artísticas, e então pareça realmente ter um valor em si mesma, ainda assim vale aquela frase segundo a

⁸⁵ NIETZSCHE, *O Estado Grego in Cinco Prefácios para Cinco Livros Não Escritos*, p.44.

⁸⁶ Confrontar Werner Jaeger *in Paidéia, A formação do homem grego*. Jaeger, comentando sobre a educação do homem grego, escreve: “estas palavras têm raízes diversas, a formação manifesta-se **na forma integral** do Homem, na sua **conduta e comportamento exteriores e na sua atitude interior**. Nem uma nem outra nasceram do acaso, mas são antes produtos de uma disciplina **consciente**”. p.17 (grifos nossos).

qual o trabalho é um ultraje - no sentido da impossibilidade de que, lutando pela mera sobrevivência, o homem possa ser um artista. Nos tempos modernos, não é o homem com necessidade de arte, mas sim o escravo quem determina as noções gerais: nas quais sua natureza tem que indicar com nomes enganosos todas as relações, para poder viver. Tais fantasmas, como **a dignidade do homem e a dignidade do trabalho**, são os produtos indigentes da escravidão que se esconde de si mesma. Tempo funesto, em que o escravo precisa de tais conceitos, em que é incitado para a reflexão sobre si e sobre aquilo que está além dele! Sedutor funesto, que aniquilou a situação de inocência do escravo com o fruto da árvore do conhecimento! Agora ele tem que se entreter dia após dia com tais mentiras transparentes, que todo bom observador reconhece na pretensa “igualdade para todos” e nos chamados “direitos do homem”, do homem como tal, ou na dignidade do trabalho. Ele não pode nem de longe compreender em que nível e em que altura é possível falar de “dignidade”, onde o indivíduo se ultrapassa totalmente e não precisa mais trabalhar nem depor a serviço de sua sobrevivência individual⁸⁷.

O homem atual ou o “último homem”, é uma pálida sombra do homem antigo, quando pensamos no espírito guerreiro do qual nos falam Ortega y Gasset e Nietzsche. O que pode, ainda, lembrar-nos este homem, isto é, o homem “moderno”? O seu triste espectro não guarda nem um traço de recordação da alma guerreira ou do tipo nobre, cuja vida era guiada apenas pelo prazer do risco e do desafio. As lutas, a guerra, as artes, a filosofia eram constitutivas daqueles que possuíam robustez psíquica e espiritual, vale dizer mais uma vez, uma classe de aristocratas, de nobres. Vejamos a seguir como é que o tipo fraco surge, como aparece o ressentimento e a “má consciência”, e como estes afetos, enraízam-se e tornam-se a base da estrutura psíquica do homem em geral, triunfam e passam a prevalecer sobre o que chamamos de naturezas mais instintivas, ou, o tipo nobre nietzschiano.

⁸⁷ NIETZSCHE, *O Estado Grego* in *Cinco Prefácios para Cinco Livros Não Escritos*, pgs. 44,45,46.